

Projeto
FLOR DE ANAHÍ
MULHERES LUTADORAS SOCIAIS

CARTILHA
MULHERES NO SAMBA
Ano 2026



FLOR DE ANAHÍ



Mulheres Lutadoras Sociais



DISCOGRAFIA VEIAS ABERTAS
LATINO-AMERICANAS

PROEX
Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



UFOP
Universidade Federal
de Ouro Preto

APRESENTAÇÃO

O projeto “Flor de Anahí – Mulheres Lutadoras Sociais”, vinculado ao Programa de Extensão “Wiphala Frente de Trabalho”, nasce do anseio de dar voz e visibilidade às mulheres lutadoras sociais em suas diferentes vivências. Busca conhecer as trajetórias e as bandeiras de luta com as quais se identificam e pelas quais atuam nesta sociedade contraditória, marcada pela exploração da força de trabalho e pelas opressões étnico-raciais e de gênero, e que, historicamente busca ocultar o protagonismo da mulher. Este projeto visa, além de compartilhar diversas lutas sociais e populares desencadeadas pela força das mulheres, servir de apoio e inspiração às novas gerações nas lutas do tempo presente e futuras.

O samba, patrimônio cultural imaterial do Brasil, é fruto da resistência negra e da diáspora africana. Sua história, no entanto, é frequentemente contada sob a ótica e perspectiva do homem, apagando ou minimizando o papel fundamental das mulheres como guardiãs da tradição, alicerce das comunidades de terreiro, compositoras, intérpretes, passistas, criadoras e diretoras de Escolas de Samba, dentre tantos outros espaços que ocupam e papeis que desempenham.

Assim, esta 3ª edição do projeto realizada em 2026 e que pauta as “Mulheres no Samba” pelo 2º ano consecutivo, acontece em parceria com o “Discografia Veias Abertas Latino-Americas: Canções de Resistência!”, outro projeto extensionista que compõe o Programa “Wiphala Frente de Trabalho”, procura evidenciar a força, a luta e o protagonismo das mulheres no samba da região de Mariana-MG e Ouro Preto- MG. Ao longo desta cartilha, o leitor se deparará com grandes histórias de mulheres que conformam e fomentam o samba na região, dizendo de outra forma: o leitor se deparará com histórias de grandiosas mulheres sambistas de nossa região!

Assim, são tornadas públicas 12 entrevistas, realizadas com 13 mulheres ao longo de mais de um ano de coleta de dados e que envolveu, além da coordenação do projeto, realizada pela Professora do curso de Serviço Social da UFOP, Kathiúça Bertollo, 7 bolsistas extensionistas, todas estudantes do curso de Serviço Social da UFOP: Adriana Flavia Alfenas; Alice Fernanda Gomes; Ana Alice Gonçalves de Jesus; Manuella de Oliveira Borges; Maria Eduarda Silvestre Silva; Victoria Aneliane da Cruz e Victoria Rodrigues Ameno.

Os relatos e depoimentos carregam, na maior parte de sua transcrição, as características de conversas e histórias contadas em um registro do cotidiano via oralidade. São histórias do passado e do tempo presente que são explicitadas e transformadas neste documento acadêmico de pesquisa e extensão universitária, que consideramos ser inédito. Por certo, o tema não se esgota neste material que agora tornamos público. Acreditamos que ele abre inúmeras possibilidades de continuidade de estudo, investigação, reflexões e articulações em torno das “mulheres no samba” na região de Mariana-MG e Ouro Preto-MG.

Agradecemos: Erika Curtiss, Jaqueline e Ana Cristina, Maria Luiza Gomes, Bela Gomes, Silvia Cristina Gomes, Mona Alice Rocha, Geni Leocádio da Silva dos Santos (Dona Geni), Hady Alves, Magda Rosa Ferreira (Diguinha), Gabriela de Lima Gomes, Maria Luzia Mapa, “mulheres do samba” que aceitaram receber e dialogar com as equipes de bolsistas na realização das entrevistas, e que tornam possível explicitarmos suas trajetórias artísticas e político-organizativas com várias Escolas de Samba de Mariana-MG e Ouro Preto-MG, com vários grupos de samba, com vários/as artistas sambistas, enfim, compartilharam seus percursos, suas memórias, suas emoções ao falar do samba em suas vidas e atuações.

Dedicamos este material à Efigênia Carabina, que sabemos, teve uma importante inserção e atuação no samba de Ouro Preto e região, porém ainda bastante desconhecida pelas pessoas, e que, por motivos diversos, não foi possível dar maior visibilidade nesta cartilha. Reivindicamos os dizeres da sambista Roberta Gomes, quando canta:

*"Mulher no samba tem o seu valor,
como qualquer pagodeiro, sambista de nascimento,
que chega com seu instrumento e com respeito pra tocar,
cantar, compor e inspirar toda uma geração."*

(Mulheres no Samba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qj1nv9CyF6o>)





BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O SAMBA

Para entender acerca das “mulheres no samba”, é preciso ir às origens dessa expressão da resistência popular brasileira, ou seja, é preciso considerarmos séculos de construção coletiva e lutas protagonizadas pelas mulheres. Entretanto, se voltarmos ao início do século XX, no Rio de Janeiro, perceberemos que homens são fortemente citados pela historiografia oficial ao que se refere aos créditos pela criação do samba, destacando-se nomes como: Donga e Pixinguinha.

Todavia, a semente do samba foi plantada pelas chamadas “Tias Baianas”. Mulheres como: Tia Ciata; Tia Amelia; Tia Prisciliana e Tia Veridiana que foram as guardiãs da cultura afro-brasileira na então capital federal. Eram cozinheiras, quituteiras e líderes religiosas que abriam as portas de seus terreiros e suas casas para as rodas de samba.

Foi na casa de Tia Ciata, na Praça Onze, que o samba se urbanizou, misturando o lundu e o batuque africano com a polca e o maxixe europeus. Elas não só cediam o espaço físico, mas ditavam o ritmo, ensinavam os acordes e, acima de tudo, impunham respeito. Em um Brasil ainda fortemente marcado pela escravidão do povo negro e extremamente racista, essas mulheres foram pioneiras ao transformar o quintal de casa em palco da cultura nacional.

Ao passar do tempo, o samba conforma-se como um espaço predominantemente masculino e que porta marcas da opressão de gênero sobre as mulheres, em que a figura do “compositor de morro” era quase sempre de um homem. Muitas mulheres compunham, mas tinham que ceder os créditos ou esconder sua autoria para que a música fosse aceita.

Foi preciso a força de Dona Ivone Lara, dentre outras “mulheres no samba”, para rasgar esse véu. Formada em Enfermagem e Serviço Social, ela só revelou sua veia de compositora após os 40 anos, e mesmo assim, enfrentou a resistência de parceiros que não queriam dividir o espaço com ela. Seu legado para o samba é marcado pela luta social e pelo direito de ocupar aquele espaço.

Ressaltamos então, que o samba é em sua essência feito pelas mulheres. Ele nasce do ventre das Tias Baianas, ganha voz nas interpretações poderosas de Alcione, Beth Carvalho e Leci Brandão, encontra sua poesia nas letras de Dona Ivone Lara, tem a visceralidade de Clementina de Jesus e se renova nas compositoras e intérpretes contemporâneas que se recusam a ser apenas “musas” ou objeto de apoderamento pelo homem e pelo mercado, que intenta tornar uma mercadoria suas trajetórias e suas manifestações artístico-populares.

Assim, a história do samba é a história da luta das mulheres por espaço em uma sociedade que as queria apenas nos bastidores musicais ou nas passarelas como objeto de beleza e apreciação. Ao longo dos séculos, ficou notório que o samba não se faz sem o suor, a dedicação, a lágrima, a alegria e a força da mulher. Se o samba é a cara do Brasil, certamente, ele tem rosto e coração de mulher!

O samba-enredo “Dona Ivone Lara: O Enredo do Meu Samba”, que foi apresentado pelo Império Serrano no Carnaval do ano de 2012, reverencia a genialidade e essa trajetória das mulheres criadoras do samba:

*“A rainha da casa, mãe esposa de fé
Diz que o dom de compor é coisa de mulher
Com o mestre venceu o desafio
Nos cinco bailes da história do meu rio*

*Dona, dama, diva...
Estrela do samba de luz radiante
Show no Opinião
Parceira de bambas carreira brilhante
Com a liberdade num lindo alvorecer
Sonha nossa terna mãe baiana
Seu sorriso negro não dá pra esquecer
E hoje nosso império aclama”*

(Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aKGXeZ7CHrg&list=RDaKGXeZ7CHrg&start_radio=1)

Sinalizamos que a equipe responsável está aberta aos diálogos e considerações sobre esta cartilha, no intuito de que ela possa abrir muitas outras possibilidades interventivas junto às mulheres no samba em nossa região.

Desejamos uma ótima leitura!

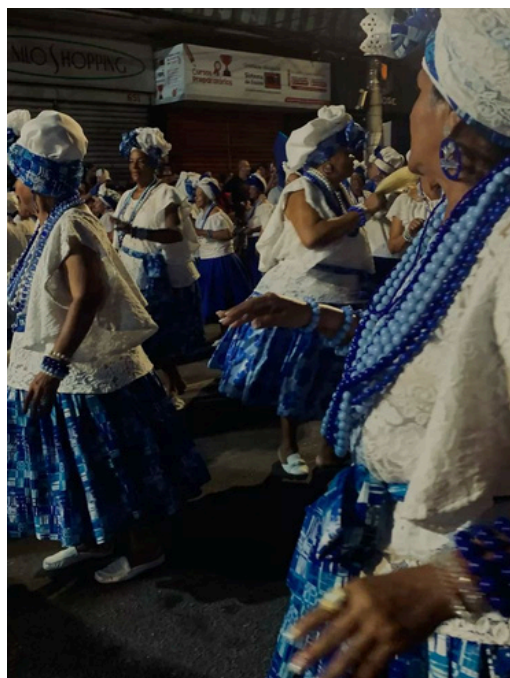
Viva o Samba!

Viva as Mulheres no Samba!

Equipe do projeto de extensão Flor de Anahí-Mulheres Lutadoras
Sociais

Mariana-MG, agosto de 2026







ERIKA



CURTISS

Natural de Ouro Preto, com mais de 30 anos de carreira, Erika é uma grande representante da força e a voz da mulher no samba. Sua trajetória é marcada por talento, resistência e paixão pela música.

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Erika Curtiss

Entrevistadoras: Ana Alice, Alice, Manuella

Data da entrevista: 08 de julho de 2025

Local: Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA)

Como e quando o samba entrou na sua vida?

Meu nome é Erika Curtis dos Santos, tenho 52 anos e sou de Ouro Preto. Na minha infância com meus pais, tenho como primeira lembrança meus pais ouvindo Clara Nunes, meus pais eram muito musicais, meu pai já faleceu, mas minha mãe ainda é viva. Meu pai tocava baixo, tocava violão, minha mãe só gosta de música.

Qual lembrança mais marcante pra você no samba?

Eu vou crescendo, aí as pessoas começam a falar que minha voz é bonita, e aos treze eu já sei que eu quero cantar. Na verdade, eu não escolhi o samba, o samba é que me escolheu, porque eu sou uma cantora de música popular brasileira. Não tenho raízes na escola de samba, o samba foi me escolhendo.

No samba você se classifica como sambista, passista, percussionista, cantora?

Sou uma cantora.

Quais cantoras que te inspiram?

Clara Nunes, foi a primeira mulher a vender 100 mil discos, isso nos anos 70 é incrível, onde só a televisão, ela se destacava. A Clara é uma mulher parda, ela traz símbolos religiosos, ela marca. Na minha infância também que me marcou foi um grupo chamado os Tingoãs, o produtor desse grupo era marido da Clara e produziu ela também. Isso marcou muito a minha infância, eu me identificava muito com isso. Também teve as escolas de samba, em Ouro Preto tem, e eu já participava, tocava também, na imperial. Alcione com certeza, falo da minha geração, mas hoje tem a Tereza Cristina que eu admiro bastante.

me identificava muito com isso. Também teve as escolas de samba, em Ouro Preto tem, e eu já participava, tocava também, na imperial. Alcione com certeza, falo da minha geração, mas hoje tem a Tereza Cristina que eu admiro bastante.

Como você enxerga o papel das mulheres no samba hoje?

O samba é um território muito masculino, a mulher tá sempre como diva, o papel está mais relacionado ao vocal e não ao ritmista. Na nossa região são poucas as mulheres, tem a Bela Gomes que é pandeirista, tem a Carla Neres também. O samba tem muitas caixinhas, nas escolas de samba por exemplo, raramente vai ter uma mulher que puxa o samba, são sempre assistas e as mais velhas são as baianas, toda vestida que roda, assim como na sociedade, no samba as mulheres são muito objetificadas. Não posso deixar de falar também de Beth Carvalho como inspiração. A Beth é um fio condutor de muitos compositores, os compositores ganharam uma vida na voz dela.

Quais as dificuldades ou preconceitos enfrentados nesse meio?

Acho que eu sofri mais preconceito por ser obesa, a gente estava falando sobre usar óculos, o artista tem que se vestir de uma determinada forma, o cabelo, o rosto, foi a maior dificuldade foi em conseguir figurino. Até hoje eu não faço fotos de divulgação com óculos. A gente passa muito por isso, sofri muito com isso, eu tive um câncer e depois disso deixei meu cabelo curtinho.

Você ainda enxerga que o samba é predominante masculino?

Sim, principalmente as ritmistas, são poucas baixistas, vocalistas, a mulher tá sempre no papel de cantar, É muito difícil estar num lugar predominantemente masculino, na minha realidade é muito masculino.

Você vê mudanças no samba aqui na região, você vê algum crescimento?

Esse samba sempre existiu aqui, só que ele ganhou destaque, está num lugar mais aceito socialmente. Acho que a internet deixou o acesso mais fácil, e as novas gerações, já vieram com mais coragem para enfrentar os paradigmas da sociedade. A internet dá visibilidade para essas pessoas, todo mundo ganhou microfone, e isso veio pro bem e pro mal.

O que o samba é pra você?

Não é um grande evento, é um “pega pra capar”, questão de sentimento, a música é minha vida, acho que o mais interessante é o ritmo, é a força do tambor, o ritmo genuinamente brasileiro é a síncope.

Como você enxerga a importância do samba para a identidade e resistência brasileira?

O samba, veja bem, se você for pegar pela história, o samba, ele era criminalizado, né?! Chegou a ser criminalizado, quer dizer, quando há o advento da abolição da escravidão no Brasil, eles arrumaram um jeito de silenciar essas pessoas, criminalizando o samba, tornando vadiagem em crime. O que é vadiagem? É andar na rua, é tocar violão? Se expressar artisticamente através de um ritmo? Isso era vadiagem. Então eu acho que o samba é a resistência de um povo que não deixou sua raiz morrer, que não deixou sua identidade morrer de geração em geração a partir de um ritmo. Resistindo pelo ritmo.

Você enxerga em algum lugar do samba a resistência feminina? E talvez pensar nessa resistência para além da objetificação do corpo da mulher, mas pela voz da mulher, por exemplo?

Nossa, difícil de responder. Onde que eu encontro resistência feminina? Eu acho que tem movimentos, né?! Eu não vou saber responder essa pergunta pra você. Eu tô pensando, por exemplo, em Mo Maiê, na Bateria Carabina de Ouro Preto, que são resistências femininas, são mulheres que se reúnem. E pode ver, gente, pelo ritmo. O que a Bateria Carabina faz? É o ritmo. sabe? É o ritmo que puxa tudo isso. É isso aí, nossa, dá pra filosofar há muito tempo. Porque se você for... por exemplo, vou falar do samba que eu gosto mais. O samba que eu mais gosto é o choro. E o que é o choro? O choro, ele é uma música... que resiste na medida em que chega uma música europeia pra cá, e essa música invade os salões, as pessoas dançavam valsas e polcas e tal, aí vem um grupo de brasileiros e coloca uma ginga ali dentro, né?! E transforma essa música que chega

E transforma essa música que chega europeizada pra cá, né?! Europeizada não, uma música europeia que chega aqui e dá uma batucada nessa música e se transforma no choro, que é o primeiro ritmo genuinamente brasileiro, é o choro, né?! E do choro se desdobram outras coisas, o samba vem daí, o samba ele vem mexer cada vez mais com essa melodia europeia que chega, que toma essas rodas, e o choro é uma música mestiça, onde mistura preto, mistura com branco, e vem o que eles chamam de mulato, e essa gente misturada começa a ritmar cada vez mais essa música. Antes era só um pandeiro, aí depois vem o surdo, aí começa, vem um agogô, se transforma naqueles cortejos de samba que tem uma quantidade enorme de instrumentos. E vocês já viram que na escola de samba não tem pandeiro? Tem uma quantidade enorme de instrumentos, mas não tem pandeiro. O pandeiro, ele tá muito ali no choro. E o pandeiro, ele é um instrumento, assim, eu posso estar falando bobagem aqui, fico com medo de falar e falar besteira, mas existe pandeiro em outras culturas, eu acho, né?! O pandeiro, ele vem de outras culturas. E quando essa coisa começa a se misturar, esse samba que a gente conhece hoje, todo embatucado, esse pagode, né?! Às vezes eles me perguntam a diferença de samba para pagode. Pagode, na verdade, é um encontro. Só que... O mercado, ele transforma aquele samba de algumas formas. Dando roupas específicas. E aí colocam instrumentos específicos. E um jeito de tocar, uma linguagem. Então o que a gente chama hoje de pagode, enquanto ritmo, é uma linguagem. Mas é samba. E bossa nova? Samba. O que é samba? É sinônimo de música. Síncope é uma palavra... musical, né?! Ela significa você deslocar o tempo forte. Então, o que é pra ser isso? Que a música europeia é assim. Começa a deslocar esse tempo. E é isso que é. É isso que marca. Isso marca a Bossa Nova, isso marca o forró, isso marca o pagode. A grande força acho que vem daí, vem da síncope.

Como você vê essa nova geração se relacionando com o samba?

Eu acho que hoje, tudo tem o dedo do mercado, né?! Eu acho que o mercado, o capital, ele faz de tudo para as coisas tornarem mais palatáveis. O que eu vejo hoje, é um empobrecimento geral de tudo. Tudo você facilita pra poder descer mais rápido. E alguém falou: “a música fica velha rápido, né?!”. Fica velha rápido. Então, hoje as coisas são construídas para que você consuma e você tenha desejo de consumir de novo amanhã. E isso se aplica à música. Não só. Tudo. Todos os estilos de música são assim. Mas eles não resistem, né, gente?! O que resiste é o que é genuíno, o que é forte. Essa música que é construída por consumo, ela passa rápido. Passa mesmo.

O que ainda precisa mudar para que as mulheres tenham mais protagonismo no samba?

Eu acho que é isso. É a liberdade de realmente falar o que sente e não aquilo que o mercado nos impõe. Porque eu sinto assim... Porque existem dois mundos: Existe esse mundo midiático e existe a arte de verdade, que é feita por nós, por mim, pela Mo Maiê, pela Bela Gomes, e isso sempre existiu, né?! Quem é esse artista da raiz, são os artesãos que estão aí pela rua, produzindo, sentindo, fazendo, movimentando, movimentando uma economia, movimentando a arte sem pressão mercadológica. Eu acho que é isso. Falta isso. Falta liberdade pra gente ser autêntica.

Qual conselho você daria para as mulheres que querem começar a se envolver com o samba?

Ah, só vai. Vai que é sua! Vai, se não der, se der errado, quando você tá começando, você é jovem, vai! Tenta! Deu não, faz outra coisa, dá tempo! Mas vai com sabedoria, né?! Eu sempre digo assim, a gente tem que saber usar o equilíbrio na vida, porque tudo na vida é equilíbrio. Não dá pra ser tanto de mais, nem tanto de menos, né?! Eu sou uma paciente de câncer, tô tratando câncer de mama e fala-se muito sobre o álcool, por exemplo. Eu depois tive câncer, nunca mais tomei álcool, mas é porque agora que eu já tive, a chance que o álcool me oferece de eu voltar a ter a doença é muito grande.

Mas quando você está jovem, você vai sair, você não vai tomar um copo de vinho, uma taça de vinho? Por que não? Você não pode tomar três garrafas de vinho. Entendeu? Mas você vai tomar um pouquinho de vinho no final de semana, uma cerveja? Não dá pra você tomar o barril inteiro de chopp, mas dá pra você tomar um pouco. Mas isso é a grande dificuldade da vida da gente, é a gente conseguir encontrar equilíbrio naquilo que faz. É a grande luta da vida. Não é tudo ao extremo, não é do nada.

Você tem um samba que te representa? Uma sambista específica? Que você se enxerga? Que teve mais influência?

Não, porque eu sou o conjunto delas todas, né?! Eu sou o conjunto delas todas. Eu sou um conjunto de influências.

Existe alguma história marcante que você viveu por causa do samba, algum lugar que o samba te levou, uma experiência?

Eu acho isso difícil de responder pelo seguinte, tudo que eu fiz na minha vida foi a música que me levou. Desde muito jovem, desde 13, 14, 15 anos, tudo que eu fiz foi a música, o que a música me levou. A música me levou a viajar para várias partes do Brasil, eu saí fora do Brasil, pela música. Mas quando a gente é profissional, essas percepções de emoção, elas são mais... Não tô achando a palavra? Não é que você não tenha emoção, mas as coisas são mais previsíveis, sabe? Tipo assim, existem momentos que a música nos emociona extremamente. Mesmo quando você tá cantando, quando você tá ali às vezes gravando a canção. Mas é... ela ia ser o ofício, sabe? Então assim, quando às vezes a pessoa: "Ah, vamos ali numa festinha?" Vira pro "cara" que toca violão e fala: "leva seu violão!" O cara fala assim: "não". Aí já não é mais pra eu me divertir na festa. Então assim, a gente quando é profissional, você passa a ter essa visão, sabe? Um pouco mais... Eu não tô encontrando a palavra... As pessoas passam a te convidar pra fazer algo que mexe com a emoção delas.

Então eu faço com o maior respeito, com o maior carinho, com a maior educação. Mas na vida da gente, é isso, né?! A gente trabalha por isso. Ah, tem algo que o samba fez por você? Não, fez tudo por mim. Mas eu trabalhei por isso. Ele fez, mas eu também fiz. Então a gente tá de mão dada no caminho. A emoção que ele traz pra mim, é óbvio que eu sou movida a emoção, porque todo artista é movido pela emoção, né?! Mas essa aura encantada que às vezes o outro vê, não é assim pra gente, porque pra gente é muito trabalho, é suor, sabe? É 99% esforço é 1% inspiração. O pessoal fala assim, inspiração, né?! 1% é inspiração, 99% é trabalho! Mas é isso, sabe? Eu acho que é difícil responder isso.

Como é o trabalho como cantora? Tem que mostrar para as pessoas que a arte é bonita, é maravilhosa, mas que também é um trabalho e um trabalho difícil de fazer?

É, e que todo trabalho é difícil. Não existe nenhum trabalho fácil. Todo trabalho é difícil. Todo trabalho é difícil, estressante, inclusive a música. Música é um negócio até difícil. Eu tô passando por essa vivência agora. Meu filho tem 20 anos de idade, toda vida ele foi filho de músico. Quando ele era menorzinho ele não gostava de me acompanhar em nada, nada. Sim, sempre se mostrou avesso à música como profissão. Aí, lá pelos 15, 16 anos, ele se interessou por um contrabaixo, pediu um contrabaixo, eu comprei um contrabaixo. Falei, “ó, meu filho, mas você quer mesmo estudar música e tal? Tem que estudar, não adianta você ficar com o contrabaixo aí no seu quarto sozinho e tal”, e ele “não, a música é legal, mas isso... Eu penso em música, sim, mas não como profissão” Pronto, aí foi pra ensino médio. Tá, “e aí, Pedro, vai querer fazer o quê? ... tem faculdade aí com, não sei, com mil cursos aí” e ele “ah, não sei...” Aí ficou, enrolou, enrolou, enrolou, enrolou, e aos 45 minutos do segundo tempo, ele decidiu que ia fazer vestibular pra música. Aí eu falei, “mas vem cá, agora não dá mais não, hein? Por quê? Vestibular pra música? Aí eu falei, “mas vem cá, agora não dá mais não, hein? Por quê? Vestibular pra música? Aqui na UFOP não tem aptidão, mas fora daqui em qualquer universidade tem aptidão.” Eu comparei com o dentista. Quando você entrou na faculdade lá de odontologia, você nunca tinha pegado no motorzinho na vida.

Mas o músico que vai entrar na faculdade de música, ele já tem que saber tocar o instrumento que ele vai tocar, porque você não aprende em quatro anos uma profissão de músico, não. Demora muito. Então, a música exige muito da pessoa, sabe? É um trabalho, assim, hercúleo. E aí é o resultado disso, do meu filho. Tá lá, obviamente não ia passar. Enfim, tem questões que eu achei melhor pra ele fazer em Belo Horizonte, mas teve que parar tudo e estudar primeiro o instrumento, fora da faculdade, pra aprender um pouquinho, pra poder fazer prova de aptidão, para poder entrar. Tá com 20 anos e nem entrou ainda, porque vai ter que estudar um pouquinho mais. E aí é isso, sabe? Não é só... A música é muita alegria. Eu não viveria sem música. Eu não sei o que eu faria da minha vida sem a música. Não consigo ter... O que você seria, Erika, de profissão? Nossa, não sei. Nada. Não sei. Assistente social, talvez. Mas é... É difícil você... É isso... É o que eu falo. A música me trouxe até aqui. Eu tô aqui, conversando com vocês pela música. Mas ela me carregou e eu carreguei ela também. Se eu não tivesse estudado, me empenhado, se eu não tivesse me dado... horas do meu dia, coisas do meu dia a dia. Quem é cantor tem uma série de restrições na vida, assim. Não dá pra ser cantor e fumar. Alguns fazem, né?! Tipo, acho que a Bethânia fuma até hoje. Não dá pra ser cantor e fumar, não dá pra ser cantor e, sei lá, comer pipoca antes do show. Na semana que você tem muito show, nada de pipoca. Aí tipo, ah, vou assistir o show de pagode que eu gosto lá no "oito graus". Se eu for lá assistir o show do meu artista que eu gosto com oito graus na minha cabeça, pode ser que eu não consiga fazer o meu show de amanhã. Então quem é artista em alta performance, por exemplo, eu fico vendo assim, Ivete Sangalo, sei lá, Joelma, esse povo que faz em 30 dias faz... 45 shows em 30 dias? Isso é a mesma coisa que pro atleta de alta performance. É muita restrição na vida da pessoa. O músico também. O cara, às vezes, gosta de bater uma bola, mas não joga. Porque se você jogar uma bola e bater uma bola na mão dele e lixar o dedo dele, acabou. Entendeu? Ele não vai poder trabalhar amanhã. Então, é uma vida de renúncia também. Tem bem menos glamour do que as pessoas pensam.





JAQUELINE TEREZA DA SILVA

E

ANA CRISTINA SILVA

Ana Cristina, secretária, e Jaqueline, vice-presidente da Escola de Samba Vila do Carmo, em Mariana, representam a força, a dedicação e o protagonismo da mulher na construção e na preservação da nossa cultura carnavalesca

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistadas: Jaqueline Tereza da Silva e Ana Cristina Silva

Entrevistadoras: Ana Alice, Alice, Manuella

Data da entrevista: 31 de julho de 2025

Local: Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA)

Vocês poderiam se apresentar e contar um pouco sobre a relação de vocês com o samba?

Eu sou Jaqueline, tenho 37 anos, e ela é a Ana Cristina, 52 anos. Nós duas nascemos em Mariana e, hoje, somos vice-presidente e secretária da Escola de Samba do Bairro Santana, que tem 49 anos de história. O samba sempre esteve presente nas nossas vidas. Nosso pai fundou uma escola de samba, e na vitrola da casa dos nossos avós o samba nunca parou de tocar. Desde pequenas, a música era parte da nossa rotina – nas festas de família, na escola, nos momentos de trabalho e de lazer. Uma música que marca profundamente a nossa família é “Naquela Mesa”. Meu avô tocava ela em todos os pagodes e festas, mas em casa ela também estava sempre presente. O samba, para a gente, representa vida, alegria e felicidade. Quando você está no samba, você esquece tudo o que está lá fora e se joga ali, naquele momento. É uma entrega completa.

Houve alguma mulher que influenciou o gosto de vocês pelo samba?

Com certeza. Duas mulheres que marcaram nossa trajetória musical foram Eliane Ribeiro e Alcione. Sempre gostamos muito delas. Elas mostraram que a mulher também tem voz e lugar no samba.

Como vocês enxergam o papel da mulher nas escolas de samba hoje em dia?

Hoje o papel da mulher é bem diferente do que era no passado. Antigamente, havia um olhar muito vulgar sobre a mulher no samba. Hoje, a gente vê um papel de empoderamento, respeito e beleza. A mulher pode vestir o que quiser no samba, sem ser julgada. O samba também ajudou a mostrar e valorizar a beleza da mulher negra. Mas ainda existe uma predominância masculina no samba.

Mesmo com os avanços, é difícil ver grupos de pagode com mulheres cantando ou tocando. As meninas que tentaram formar grupos, como as baianas ousadas, não conseguiram ir para frente por causa do preconceito. Na época em que grupos como o Raça Negra faziam muito sucesso, as mulheres eram desencorajadas. A questão do preconceito melhorou, mas ainda existe. Até na forma como resolvemos as coisas dentro da escola, a gente percebe que precisa ser mais dura, mais grossa, para conseguir ter voz. Na sociedade e no samba, a gente sempre tem que falar mais alto para ser ouvida. Por exemplo, na bateria, a voz de um presidente homem vale muito mais do que a de uma presidente mulher.

Vocês percebem um crescimento das mulheres no samba e no pagode em Mariana?

Não identificamos um crescimento significativo aqui na cidade. Poucas vezes vimos meninas ou mulheres que fizeram sucesso ou que conseguem cantar regularmente. Na maior parte do ano, nos eventos da prefeitura, não aparecem mulheres cantando – só em momentos específicos do Carnaval. Isso pode ter relação com a falta de oportunidades e contato.

Qual é a importância da escola de samba para a comunidade de Mariana?

A escola de samba é uma forma de resistência. Se não existissem as escolas de samba na praça, não existiria Carnaval em Mariana. Mesmo com chuva, com frio, as pessoas – muitas delas idosas – vão para a praça para ver o desfile. A comunidade fica toda envolvida, é um momento de união e cultura.

Vocês notam o interesse dos jovens pelo samba?

Essa é uma das nossas maiores preocupações. A relação dos jovens com o samba mudou muito. É muito difícil ver esse engajamento, essa vontade de fazer acontecer. Nossos sobrinhos e filhos já não participam mais. A nossa geração ainda mantém o trabalho, mas é quase impossível encontrar jovens que queiram continuar com essa responsabilidade. E o trabalho é pesado: você não ganha nada financeiramente, a verba chega em cima da hora – muitas vezes 15 dias antes do Carnaval.

Então você tem que correr, ir a São Paulo, a Juiz de Fora, para comprar materiais, porque aqui em Mariana não tem quase nada. Os jovens preferem ir para o Carnaval de Ouro Preto ou simplesmente assistir, em vez de participar da construção da escola. Eles não querem dedicar esse tempo, preferem academia ou outras atividades.

E como está a questão das verbas e do apoio da prefeitura?

Esse é um problema grave. As verbas são muito demoradas. Em 2024, por exemplo, começamos o Carnaval com uma dívida de R\$25 mil, sem nenhuma garantia de que a prefeitura iria liberar o dinheiro. Ela só foi liberada quando o Carnaval já estava acontecendo. É uma situação desgastante.

Vocês têm estrutura física para a escola?

Não temos um barracão para a escola de samba. Não conseguimos guardar as fantasias para reaproveitar no ano seguinte, e acabamos tendo que doá-las. Também não temos onde guardar os carros alegóricos. Eles ficam expostos ao sereno, à chuva e ao sol, e estragam rapidamente. A gente gasta cerca de R\$5 mil para comprar um carro, mas sem local adequado, tudo se perde e temos que refazer do zero todo ano. Se tivéssemos um barracão, poderíamos emprestar ou até vender fantasias e adereços para outras escolas de Belo Horizonte e região. Já tivemos parcerias com escolas de São Paulo, mas sem estrutura, fica tudo mais difícil. O projeto do barracão sempre fica no papel, e o Carnaval de Mariana não tem patrocínio.

O que vocês acham que precisa mudar para valorizar o samba?

A gente precisa pressionar a prefeitura: ou eles cedem um espaço para a gente montar os carros, ou a gente não vai sair no Carnaval. Mas parece que a gente está sempre pedindo um favor, e não sendo tratada como um movimento cultural sério. É uma luta diária, uma forma de resistência.

Deixariam um conselho para quem quer conhecer ou participar do samba?

Meu conselho é: vá, se joga! Vocês vão gostar. O samba é alegria, é vida. E a gente acredita que, para manter o samba vivo na região, precisa haver mais oportunidades, mais espaço e mais diversidade. Falta atividades feitas pela prefeitura que envolvam o samba na cidade. O samba não pode morrer.





MARIA LUIZA GOMES



Maria Luiza é a atual presidente da Escola de Samba Império do Morro Santana, em Ouro Preto. À frente da agremiação, representa a força, a liderança e o protagonismo da mulher no samba

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Maria Luiza Gomes

Entrevistadoras: Ana Alice e Manuella

Data da entrevista: 07 de agosto de 2025

Local: Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA)

Você pode se apresentar?

Meu nome é Maria Luiza Gomes Pereira e eu tenho 26 anos e sou de Ouro Preto mesmo.

Qual a sua relação com o samba?

Hoje eu sou presidente da Escola de Samba Império do Morro Santana. É uma escola de samba da cidade de Ouro Preto e é a primeira escola de samba da cidade. Mas eu caí no samba foi meio que... eu não esperava. Surgiu para mim... eu sempre me considereei uma mulher muito política e eu acredito que através da escola de samba eu vi um caminho para a política, e política que fosse política social mesmo, um caminho para que eu pudesse colocar em prática as ações sociais, as políticas públicas que eu gostaria. Através do samba. Então eu ia unir o útil ao agradável, porque é lazer, é cultura, é arte. Então quando surgiu a oportunidade de eu estar à frente da associação, eu hesitei um pouco, mas mesmo assim eu busquei reunir pessoas que já tinham experiência, outras mulheres que também já viviam o samba de alguma maneira para montar uma chapa, montar uma diretoria, fazer todo o processo de eleição. Foi um processo onde foi votado pela comunidade, a gente abriu o edital, fizemos tudo certinho. E aí, quando saiu o resultado, a nossa chapa ganhou. Eu estava ali como presidente da chapa e isso foi em 2020. Eu estou no meu segundo mandato agora, que a gente já teve uma segunda eleição, é de quatro em quatro anos que a gente faz as eleições. E, nos meus dois primeiros anos, era pandemia. Então eu não tinha o que fazer, a gente não teve carnaval. E aí eu tive também um tempo para poder me preparar, estudar sobre, porque eu nunca tinha sido envolvida diretamente no samba. Foi uma coisa que eu caí assim... foi de comunidade.

Eu sou nascida e criada numa comunidade onde é considerada periférica e já tem hábitos de sambas, pagodes, essas coisas. E aí foi uma coisa que eu herdei da minha comunidade, não da minha família. Aí eu busquei a diretoria... A minha diretoria é toda mais antiga e aí eu busquei pessoas que já estavam envolvidas no samba. E através deles a gente está trazendo a família deles também. Então, no caso deles, é uma herança familiar. No meu caso, eu sou a única pessoa que não tem um vínculo familiar nenhum dentro da escola. E o restante de toda a diretoria na qual eu estou montando, organizando... e eu estou buscando para que eles tragam também a família deles. Porque eu acho que é muito importante, principalmente por ser uma escola que não é... não é uma associação que traz lucro financeiro, né?! Ela traz aquele lucro histórico, cultural, artístico, um pertencimento das pessoas. Então eu acho que deveria realmente ter uma família que se dispusesse a estar à frente cuidando disso. Eu entrei para deixar a parte burocrática para eles muito mais fácil. Porque a gente sabe que muitas vezes o artista, o artesão mesmo, aquele que faz a arte, eles não se preocupam muito com essas outras partes, né?! Então eu entrei para isso, para que eles pudessem ousar e explorar a arte deles. E a parte burocrática realmente tem que ser para alguém que tenha um pouco mais de aptidão para isso. E aí quando eles me ofereceram, eu falei com eles: "eu não sou boa em... eu não sou artesã, eu não sou artista. Então essa parte eu não consigo ficar com ela, mas no mais, o que vocês precisarem...". Aí a gente ganhou e desde então eu já estou indo para o meu sexto ano de presidenta da escola.

Qual foi o seu primeiro contato marcante com o samba?

Quando eu fui eleita... e aí eu não tive, igual eu falei, não tive nenhum carnaval. Aí quando chegou no ano de 2023, foi o primeiro ano pós-pandemia que a gente teve carnaval, aí foi realmente o meu primeiro contato com o que era. Porque até então eu só tinha feito a parte de papel, conversar e tal, mas nada colocado em prática. Aí sim chegou o momento do carnaval, eu vou ter que botar uma escola na rua. Como que bota uma escola na rua, né?! E assim, a escola, antes da minha eleição de entrar, a escola não tinha conseguido desfilar. E aí os integrantes saíram de lá chorando, acreditando que a escola ia acabar.

E foi por isso que se deu também o processo de eleição, no qual eu entrei e ganhei. E aí a expectativa estava assim, lá nas alturas. "A escola de samba do Morro não morreu, ela vai desfilar". E aí, como é que ela vai desfilar? Aí, e aquilo foi me deixando assim, com a cabeça quente, porque eu nunca tinha participado, eu não sabia como é que era. Aí eu não tinha contatos, as outras escolas já tinham contatos, eu não tinha fornecedor, não tinha nada. Aí eu falei assim: bom, vou ter que fazer com a cara e a coragem, né?! Mais com a cara, porque a coragem está bem pouca. Mas aí eu peguei de parâmetro as escolas do Rio de Janeiro e São Paulo. Porque eu acho que era a única base que eu tinha. Porque, historicamente falando, a gente infelizmente não tem registros nos quais a gente consegue saber sobre as próprias escolas da cidade. Não tem, são muito, muito pouco mesmo. E aí eu peguei essas escolas maiores. E aí eu tive que ir até o Rio de Janeiro para entender de verdade, dentro de uma escola de samba, como é que funciona e o que eu deveria fazer. Porque a parte de papel eu já tinha conseguido fazer. Mas e a parte da mão na massa? Como é que a gente ia fazer? Como que a gente ia decidir a história do carnaval, o enredo, qual história contar, como que a gente ia dividir isso em alas, em roupas, em carro alegórico, em destaque? E eu não tinha a menor noção do que fazer. E aí eu pensei vou entender o que é o samba. O samba, quando eu entendi que era assim, na verdade, era um grito de resistência... eu falei, é algo que está dentro de mim de alguma maneira, porque eu também sou uma pessoa que está sempre dentro da minha comunidade buscando fazer ações sociais, buscando dar voz a essas pessoas. E aí eu falei assim: vou usar o samba para gritar a resistência mesmo, que seja das pessoas, que seja do ambiente, que seja do que for. Aí o nosso primeiro enredo a gente falou sobre a Amazônia. É uma história que eu quero contar. Era na época também que estava tendo os desmatamentos, em 2023, muitas queimadas...E aí eu falei: vamos falar da Amazônia. E estava na época da novela também, estava passando a novela Pantanal. Vou tirar mais ou menos alguma ideia, porque eu nunca tinha ido pra Amazônia, eu não entendi, não conhecia.

Aí peguei um pouco do que eu entendi sobre a novela, peguei um pouco sobre o que eu fiz nas minhas pesquisas sobre um pouco dos antigos carnavais de outras escolas e fui tentando montar igual. Eu falo que foi meio que uma cópia, mas eu copiei uma coisa só que eu coloquei a minha identidade nela. E o primeiro carnaval foi um carnaval que foi feito "Maria Luiza", eu costumo falar assim. Porque foi um carnaval que eu fiz mesmo, porque como eu não sabia fazer e ninguém também tinha como fazer, eu fui fazendo do meu jeito. Graças a Deus deu certo. A gente alcançou o objetivo daquele ano que não era ganhar, era colocar a escola novamente na rua. E aí a gente conseguiu. A gente saiu de nono lugar, que era a última colocação, para quarto. Para a comunidade foi uma vitória maravilhosa. Para mim não foi suficiente. Mas também eu falei assim... não, eu não fiquei feliz, eu chorei demais, falei "não tá bom, não é isso que eu quero". Mas é porque eu entrei, eu não entrei com amor, eu entrei com uma obrigação. Eles têm amor. A comunidade tem um amor que chega a ser assim assustador em relação à escola de samba, sabe? E aí na cabeça deles, eles eram campeões. Eles estavam muito felizes com o resultado, que eles eram campeões. E pra mim eu não era campeã não. Minha filha, dá seus pulos que tá ruim, tem que melhorar. No outro ano eu já tinha entendido que assim, o samba ia me tomar muito tempo, ia me tomar bastante, talvez, um custo financeiro muito alto. Ela não traz dinheiro, mas ela tira. E ela ia me tirar também uma vida social. E ela realmente me tirou. Eu perdi, tipo assim, eu não tenho tempo. Não estou reclamando porque eu já sou muito grata a tudo que a escola me trouxe, porque ela me trouxe muitas coisas boas também. Mas foram coisas que me fizeram sacrificar muitas outras que talvez eu nem, nem estava preparada na época, sabe? Por isso que eu falo que o samba para mim foi assustador. Eu acho que você usar uma ferramenta de resistência, de lutas, sem você saber como administrar ela, é muito difícil. E eu caí de paraquedas nisso. E para mim o samba realmente é isso. E hoje eu falo para você que eu não sou a melhor administradora de escola de samba, mas eu sou a única presidente mulher que tem dentro das escolas de samba de Ouro Preto. No último ano eu fui presidente da Liga das Escolas, então além de representar a Império do Morro Santana, eu representei todas as outras oito.

E eu comecei a entender que o samba é um caminho que eu vou, que eu posso usar, que eu posso trilhar para realmente promover ações sociais, para trazer voz às pessoas que precisam ser ouvidas.

Existe alguma música de samba que tenha um significado especial para você?

Samba sim, não enredo de escola de samba. É a música do Arlindo, "O Meu Lugar". Ela representa assim, muito. Tanto a música do Arlindo, que é um samba, e eu tenho um rap também, que é o "Rap da Felicidade", que eu acho que são músicas brasileiras, músicas que representam muito não só a mim, mas que de alguma maneira me trazem um ar de pertencimento mesmo. Antes, eu acho que eu sempre fui meio que... Eu acho que todo mundo aqui tem um lado, uma quedinha para ser muito, digamos assim... eu não sou uma ativista social, mas que está sempre ali buscando fazer algum movimento, sempre puxa um lado do samba, né?! Sempre tem alguma raizinha ali no samba, não tem... a gente não tem como fugir disso. Então eu sempre gostei muito de ouvir samba. É, Jorge... sempre gostei... Eu ouço Alcione como se eu fosse aquelas mulheres antigas, sabe aquelas damas maravilhosas que, tipo assim, que fuma, aquelas lobas mesmo? É como se eu me sentisse uma loba. Eu me identifico muito nas histórias e nas letras.

O que o samba representa para você?

Acho de verdade, porque eu tenho uma visão mais política das coisas, mas eu acho que realmente ele é um grito de resistência dos brasileiros, dos povos negros, das mulheres. Eu acho que realmente é um grito educado, um grito respeitoso, um grito prazeroso de se ouvir, sabe? Então eu acho que é uma parte muito importante, é uma maneira que a gente tem de colocar na mente das pessoas as nossas lutas de forma prazerosa, de forma que elas querem ouvir, queiram entender. Acho que é isso o samba.

Tem alguma mulher no samba que te inspirou e te inspira?

Não exatamente. Eu passei a seguir mulheres do samba mesmo depois que eu tive esse contato com escola de samba. E aí, quem me inspira hoje é a presidente da Grande Rio, a Tatiana. Ela me inspira muito por ser uma mulher... Existe muito preconceito ainda dentro de escola de samba, em qualquer meio que uma mulher está à frente, sabe? E ela é presidente da Grande Rio, vice-presidente, ela nem chegou ao cargo de presidente, ela é vice-presidente da Grande Rio e ela está sempre se colocando presente, mostrando o que a mulher é capaz de fazer também dentro de uma escola de samba. E muitas vezes eles não levam a sério. Eu acho que eu forcei o melhoramento da comunicação, na verdade. Porque quando eles entenderam que eles não tinham homens para conversar: "olha gente, tem que conversar com as mulheres, porque são elas que estão à frente". E eu acho que isso melhorou até o desenvolver da escola. Porque eu acho que a escola é formada por mulheres... Uma escola de samba, ela é formada por mulheres. Porque você raramente vai ver homens que colam botões, que enfeitam, que fazem essas coisas. Então na sua grande maioria são mulheres. E aí eu fiquei pensando: como que eu não vou dar voz para essas mulheres sendo que são elas que vão construir o carnaval? Eu tenho uma que me ajuda com a parte financeira e todas elas são minhas diretoras. Então é uma que me ajuda com a parte financeira, uma que é a minha secretária, então faz para mim toda essa parte de escrita, de documentação. Eu tenho conselheiras fiscais que fiscalizam o meu trabalho, fiscalizam também o processo de construção do carnaval. Eu tenho... uma delas, ela não é advogada, mas ela faz algumas coisas jurídicas para mim e todas elas eu coloquei como diretoras da escola. Eu tenho uma que é carnavalesca e ela também é historiadora, então ela já faz esse processo para mim também. Tenho meninas que são responsáveis pela confecção. Nós geralmente saímos com cerca de 14 alas. São cinco carros e 14 alas. Então eu separo para cada três alas um diretor, para também não sufocar. Então sempre tem uma diretora para cada três alas.

Carros alegóricos... eu tenho esse diretor que ele é responsável por construir a parte de ferro, pôr solda, estrutura, essas coisas, mas a decoração, o desenvolvimento todo do carro é feito por uma outra mulher também. Então eu tenho sempre as mulheres, elas estão praticamente em tudo que eu faço no carnaval. Elas têm uma ocupação em absolutamente tudo.

Vocês têm alguma remuneração?

Não, não tem. O dinheiro cedido pelo município vem sempre com 15 dias, 20 dias antes do dia do desfile. Então a renda da escola é os bolsos dos seus diretores. Porque os diretores têm que colocar dinheiro. É por isso que eu falo que ela me tira dinheiro, ela me tira tempo, ela me traz muitos desgastes. E eu acho que uma das coisas que eu tive que abrir mão pela escola foi o meu financeiro. Que foi uma coisa que me doeu muito também. Porque eu acho assim, eu não sou rica. Eu trabalho muito, muito, muito. E aí quando começou a sair dinheiro, foi uma coisa que me deixou muito assustada. E tem que ter dinheiro, tem que ter. E aí hoje eu faço feijoada, eu faço alguns eventos na quadra, faço festas, rodas de samba, rodas de pagode. Quando é época de carnaval, eu levo a bateria para fazer algumas apresentações, tal. É a forma que eu tenho de fazer com que a escola traga um retorno financeiro. Não é muito grande, mas assim, auxilia em algumas coisas. Mas é uma coisa que eu acho que precisa ser mais bem trabalhada. Já que tem Mariana, tem Ouro Preto, tem São João del Rei, são associações que carregam realmente cultura e história. E já que essas cidades valorizam tanto isso, acho que elas podiam ajudar mais essas instituições. É uma forma que eu acho que a gente tem de... que a gente consegue gerar emprego. Porque é muita gente. E é, eu falo assim que, hoje, o emprego para mulher é muito difícil. Tem gente que não acredita quando eu falo isso, mas eu falo assim: a mulher, para ela conseguir um emprego, se ela tiver um filho, se ela tiver que cuidar de uma casa, de umas coisas, as pessoas, elas pensam mil vezes antes de contratar uma mulher do que um homem.

Tem alguma mulher no samba que te inspirou e te inspira?

Como você enxerga o papel da mulher no samba hoje?

É representatividade, é dar voz ao feminino, às mulheres. E principalmente quebrar tabus. Porque eu acho que existe um preconceito gigantesco de que mulher não pode dirigir escola de samba. Gente, mulher dirige escola de samba muito melhor do que um homem! Não estou me gabando [risos], mas já me gabando também... Nossa! É porque eu acho que a gente tem um poder de pensar com mais clareza. E a gente tem, eu acho que o ser feminino, ele traz algumas coisas que para a escola de samba, para a arte, para a cultura, é fundamental. Então acho que é muito importante se sentir pertencente, se sentir representada, me apresentar como uma mulher para que outras mulheres também possam se inspirar, possam se incentivar, incentivar umas às outras. E mostrar que a mulher pode ocupar sim qualquer lugar. A gente tem que nos permitir e fazer com que eles aceitem. Se podem ter 10 homens presidentes, podem ter 10 mulheres presidentes. E a mulher se coloca em todos esses lugares. Eu acho que é muito importante. No começo eu não tinha muito entendimento sobre isso. Eu falo assim, eu não via dessa maneira. Mas quando eu comecei a passar por momentos de preconceito mesmo, eram preconceitos claros mesmo, explícitos... Comigo não venciam, porque eu sou "boca dura", eu sou, minha filha, pra frente mesmo, então eles iam ter que me engolir a qualquer e todo custo, principalmente se eu estivesse no meu direito. E eu, minha filha, continuo lá cutucando eles, botando eles pra frente e mostrando pra eles que eu posso ser presidente e qualquer outra mulher também pode ser presidente de escola. E qualquer outra coisa que quiser. Você acha que o cenário geral do samba mudou? Você acha que está melhor para as mulheres hoje em dia?

Não. Eu acho que continua muito preconceituoso ainda. Muito. Por isso que eu falo que é muita luta para tudo. E no samba também não está sendo diferente. A mulher continua tendo que lutar muito ainda para conseguir se mostrar, mostrar também o potencial que ela pode fazer. Eu falo que aqui, Ouro Preto, por ser uma cidade pequena, que não tem tanto essa polarização do samba, eu acho que tinha que ser... eu não achei que tivesse tanto preconceito.

Eu não achei que fosse ser tão difícil ser uma mulher no samba. Então às vezes eles querem podar... Eu acho que quando eu fui visitar as grandes escolas, eles me olharam com olhos diferentes e me trataram com diferença. E a todo momento sempre buscando um homem. Porque foi assim, eu fui, fui eu e mais uma pessoa só. Porque a gente, como a gente não tem carro próprio nem nada, então tudo eu tive que conseguir emprestado. Aí eu consegui uma caminhonete dois lugares. E aí, quando é viagem assim para coisas da escola, geralmente vai o presidente e o tesoureiro, que é a pessoa do financeiro. E aí quando chegou lá, eu fui, né?! Eu fiz toda a política da boa vizinhança, da boa educação: "Oi. Me apresentei, "tudo bem?" pedi licença. Aí chegando lá, eles nos trataram muito bem. E aí, quando foi para conversar sobre os negócios, porque pode não parecer, mas existem negócios, eles não queriam conversar comigo. Chegou a ter pessoas, [eu não posso citar nomes porque eles são...] mas chegaram a falar que não tratavam com mulheres, porque acreditavam que Escola de Samba não é para mulher... não é para ser dirigida por mulheres. Eles reconhecem que nós construímos todo o processo da Escola. Mas eles acreditam que nós não temos posicionamento suficiente para ser presidente ou para representar uma escola. Eles tiveram que ouvir um outro homem, que não ocupava o mesmo posto que eu, que não tinha o poder que eu tinha, falando que era eu que mandava, que ele ia me obedecer. Para a mulher é muito difícil. Muito difícil. Eu achava que em outros âmbitos era muito mais difícil. Mas no samba também, que é igual eu falei, que é um grito de resistência e até pra gente ali levantar uma bandeira, existe um preconceito muito grande. E hoje, se vocês forem fazer as pesquisas, vocês vão ver que a Escola do Morro Santana é a escola que mais tem mulheres na diretoria, mas todas as outras estão colocando mulheres na diretoria e as mulheres estão tendo lugar e poder de fala. O carnaval está só crescendo, é nítida a mudança. Porque a gente consegue sentar na reunião e fazer uma reunião e chegar num denominador comum, no objetivo final.

Como você vê a relação entre a nova geração com o samba no tempo presente?

Bom, acho que está sendo um processo de inserção mesmo. A gente está chegando... É claro que a gente tem que aprender com as pessoas mais velhas e mais antigas, isso é óbvio, a gente tem que aprender porque eles têm muito o que ensinar. Mas a gente tem que também saber que estamos em outros tempos. Então tem que colocar também as coisas atuais para acompanhar, tem que ter uma mente um pouco mais aberta, tem que saber inserir as pessoas. Eu acho que dentro de Ouro Preto não tinha tanto. Eu, dentro da escola do Morro, coloco muitas pessoas da bandeira LGBT, eu coloco muitas pessoas idosas, coloco muita criança e coloco todo mundo para desfilar junto. Para eles terem esse momento também de comunicação.

E qual conselho você daria para as mulheres que querem entrar no samba?

Só vão. Mas se imponham. Se você sentir que você não vai conseguir se impor, busque se aliar a mulheres que já têm essa posição, sabe? Para que você se sinta confortável de chegar, até você se sentir confortável a ponto de "não, agora eu vou me impor". Mas vocês têm que entrar, a gente tem que entrar. Eu acho que não só no samba, na verdade, acho que no todo. Vamos. Lá a gente vai desenrolar, entendeu. Eu quero muito ir, eu quero muito estar lá. Então eu vou. Vou chegar lá, se eles não me aceitarem, eles vão me engolir. Ou me aceita por bem, ou me aceita... não vai ter essa opção, sabe? Então eu acho que é isso. Vão, mas se imponham. Mostrem para eles que eles vão ter que respeitar. E isso em qualquer lugar.

O que você acha que pode ser feito para manter o samba vivo na região de Mariana e Ouro Preto?

Hum... Olha, eu acho que, igual o que vocês já estão fazendo, já acho que já é um começo do processo. É dar espaço para que a gente possa apresentar as nossas colocações, apresentar os projetos, as escolas, para que as pessoas também possam conhecer mais. Porque eu acho também que ainda tem muita gente que não conhece, nem sabe que existe.

Então o primeiro passo é isso: mostrar às pessoas que existem essas escolas de samba, que existem essas instituições e mostrar para elas a finalidade dessas instituições. Porque eu já tive um dos meus diretores, o meu tesoureiro no caso, ele é um cara que ele tem a mente muito fechada. E aí na cabeça dele, Carnaval era assim: gente pelada, baixaria, vulgaridade... era só isso na cabeça dele. E aí, quando eu comecei a apresentar a ele o que era a escola de samba, como que a gente trabalhava, o que que realmente... e ele começou a frequentar, a ver, ele criou uma nova perspectiva, ele criou uma nova imagem do que era. Hoje a minha bateria tem PCD, tem criança, tem gordo, tem magro, tem preto, tem branco, tem tudo. E lá dentro eles são todos iguais, eu não quero saber. Se fora da bateria você tem problema com alguém, é fora da bateria. Na bateria você é igual a fulano e aqui não tem essa diferença não. E aí eu acho que é mais isso. Então, mostrar, apresentar às pessoas, mostrar como que funciona, mostrar que é um ambiente familiar, que somos pessoas boas, trabalhadoras e que ali é também um momento de lazer. Buscar incentivo. Incentivo financeiro, incentivo cultural. Eu acho que já tem algumas leis, né?! Tem a Aldir Blanc, tem a Paulo Gustavo, tem a Rouanet, mas eu acho também que os municípios, no caso, as prefeituras, podem auxiliar no processo de regularização. Acho que aqui, nas cidades pequenas, a maior dificuldade é a regularização. Por também ser pessoas que tiveram pouco acesso, talvez, ao estudo, elas não têm tanta facilidade de conseguir mexer com documentação, com coisas burocráticas. E são pessoas mais velhas, mas que de alguma maneira estão se doando para manter a cultura viva. Então os órgãos, as prefeituras, que têm pessoas que sabem desenvolver esse tipo de trabalho, auxiliam as escolas nesse processo. Porque aí eu acho também que com as escolas estando legalmente certas, elas conseguem mais incentivo financeiro, patrocínios, essas coisas. E assim, fazer... tornar as escolas... Lá em Ouro Preto tem um projeto da Casa de Cultura. É um projeto lindo, mas o projeto não funciona. Então eu acho que podia transferir esse projeto para as escolas de samba. Porque as escolas de samba oferecem as atividades para a comunidade. Então é ceder um espaço para as escolas de samba para que elas possam colocar a comunidade dentro desse espaço para confeccionar roupa, para aprender a cantar, para aprender a dançar...

Porque na escola de samba tem isso, tem ala coreografada, tem gente que tem que cantar, tem gente que tem que tocar um instrumento, um violino, um cavaquinho. Então tem como você colocar várias coisas e ensinar várias coisas. Então acho que é isso também. Então pegar esse projeto Casas de Cultura e colocar como Casas do Samba, digamos assim. Não que seja assim, desenvolver o projeto do jeito que estiver lá, mas acho que é mais isso. É dar espaço, auxílio, apoio e incentivar, porque é o que as pessoas da periferia têm. Eu falo que, igual, vai ter o show do Nando Reis lá. Aí está com um limite de 3 mil pessoas. Gente, os ouro-pretanos não vão. Quem é de Ouro Preto não vai. Nós não vamos ocupar a praça. A praça vai ser ocupada por turistas, por gente que não é daqui. E aí eu fico pensando, o que que a comunidade tem para tirar um lazer e para ter cultura, para ter arte? É o que ela mesma faz. Não tem nada acontecendo na Praça. As Escolas de Samba estão correndo risco de serem extintas. Porque é isso que o poder público quer. Quando você não incentiva, quando você não auxilia, quando você não apoia um projeto onde tem comunidade envolvida, você quer que esse projeto acabe. Para você não é rentável um projeto onde tira dinheiro para colocar no povo. Porque é a maneira que a comunidade, a favela tem de ir lá e falar "olha, a gente tá aqui". A gente vai ocupar esse espaço também. Por que você acha que a favela vai descer e vai ocupar um show do Nando Reis? Eu estava trabalhando no Festival de Inverno, lá no Centro de Convenções. Foi aberto ao público. Mas eu vi qual era o público. É público que paga 150 reais numa garrafa de vinho. Eu não sou esse público. Eu não tenho condição de chegar... É público que vai e desce rolê e paga 150 reais numa garrafa de vinho. Eu vi o público que era. Então a comunidade tem o quê? Tem o que ela mesma faz dentro dela. Então tem que incentivar, tem que mostrar, tem que dar lugar para que a gente possa nos apresentar e mostrar quem somos, o trabalho que a gente faz. Então acho que esse é o processo.





BELA * GOMES *

Natural de Ouro Preto, Bela é fundadora do projeto Pandeirosas, uma iniciativa que fortalece a presença e o protagonismo da mulher no samba.

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Bela Gomes

Entrevistadoras: Ana Alice, Manuella e Vitória

Data da entrevista: 14 de outubro de 2025

Local: Casa Pitanga - Ouro Preto

Você pode se apresentar?

Eu sou Isabela, Bela Gomes. Sou de Itabirito, minha família é ouro-pretana. Meus avós maternos, meus avós paternos, meus pais são todos ouro-pretanos, da região, dos distritos. E a minha história com o samba é bem de família mesmo. Minha família por parte de pai é a família Gomes. É uma família que tem forte essa tradição do samba, das escolas de samba. Meu tio, o Gomes, o pessoal chamava ele de Gomes, a gente chamava ele de Nem, tio Nem foi muito tempo carnavalesco do Padre Faria. O meu tio Tião também, Sebastião Gomes, que é mestre de bateria, foi educador. Hoje não exerce mais tanto, mas ele trabalhou com jovens de iniciação musical. E minha família sempre foi de samba, de quintal também, de se reunir no "desaterro". Minha avó fazia um pernil, churrasco, pau quebrando, e o samba também acontecia junto. Então, eu cresci nesse contexto. Mas ainda sem saber que isso ia atravessar minha vida de uma forma tão intensa, como tem sido nos últimos anos. Eu sempre fui das artes. Comecei na dança com 11 anos, depois com 13 fui pro teatro. E do teatro não consegui parar mais. Fiz Artes Cênicas, me formei em Artes Cênicas aqui na UFOP em 2016. Fui pra Salvador, morei lá durante 4 anos. Nesse período foi onde eu pude vivenciar muito da nossa cultura brasileira. Porque a Bahia é fonte de várias manifestações. Inclusive do próprio samba, do samba de roda, que é uma linguagem que me interessa muito, dessas raízes do samba, do samba de terreiro, do sagrado que há no samba também; essas coisas me interessam muito. Morei também no Sul da Bahia durante dois anos. Eu tenho essa relação com o território da Bahia muito forte. E retornei pra cá com todo esse acúmulo de experiências lá.

Tanto no Recôncavo, com as experiências no samba, mas também em outras linguagens, da poesia, na composição, na educação popular, na área da saúde também, na espiritualidade, são várias experiências. E também no Sul da Bahia com os povos indígenas, os Pataxó, que também têm samba. Vim com esses acúmulos de volta pra Minas Gerais em 2023. A relação com o pandeiro também começou lá em Salvador. Em 2015, antes de mudar pra lá, ganhei o pandeiro e comecei a estudar. Espontaneamente, em 2017, as minhas amigas, as mulheres começaram a chegar pra mim e queriam que eu desse aula de pandeiro. Que eu ensinasse a elas a tocar pandeiro. Eu dizia: "Gente, mas eu não sei como é que ensina a tocar pandeiro, sei lá". E fui obrigada a criar uma metodologia, ensinar de um jeito. Como Salvador é um lugar difícil da gente, como artista, fazer grana, o pandeiro me ajudou muito nesse sentido. Porque elas começaram a me mover, pensei: "posso dar umas oficinas de pandeiro". Comecei, abri, dei oficinas de pandeiro, montei turmas lá em Salvador. E começou essa história de dar aulas de pandeiro. Ele também sempre esteve presente nos projetos de arte-educação, nas apresentações, dos espetáculos. É um instrumento que expressa muito daquilo que eu sou artisticamente. É uma ferramenta poderosa de expressão para minha arte. Ao retornar pra cá, eu estava com todas essas experiências.. Na verdade, antes de voltar, no Sul da Bahia, foi quando o projeto "Pandeirasas" amadureceu. Na pandemia, fiz curso online. E lá no Sul da Bahia, em 2022, comecei com o primeiro grupo de estudos presencial, chamado de "Pandeirasas". Em 2022, lá na Vila de Santo André, que é um vilarejo de 800 habitantes, um paraíso na terra, a gente começou a se encontrar. Comecei com oficinas, elas queriam algo duradouro, mais frequente. Então decidimos fazer um grupo de estudos. Começamos esse processo muito bonito, que envolve não só a técnica do pandeiro, mas também o encontro entre mulheres. A gente se encontra, canta juntas, se ouve, compartilha nossas histórias, fala sobre alguma temática que atravessa uma delas naquele dia, reza juntas. . A música e o pandeiro começaram a constituir... Isso tudo foi de forma muito espontânea! Meio que uma medicina entregue mesmo para eu partilhar. E a partir dela também aprender e me curar. Então foi para além da técnica, da questão artística, também é um lugar de resgate do feminino.

O projeto "Pandeirosas" envolve tanto o ensino do pandeiro, das técnicas desse instrumento, mas também um encontro entre essas mulheres, entre a gente, de diversas idades. Tem mulheres desde 22, 23 até 75 anos. É um encontro de gerações ali, que tem sido bem interessante. É bem diverso. Cada grupo é um grupo. É bem bonito isso. O projeto começou lá em Santo André, vim pra cá pra fazer o mestrado e dei continuidade ao grupo de estudos aqui em Ouro Preto. Hoje tem três turmas. Uma turma em Itabirito e duas turmas aqui em Ouro Preto. Deve estar por volta de umas 45 mulheres no projeto. O pandeiro tem esse lugar na minha vida de expressão da minha arte e da minha voz também. Tem esse lugar também de família, do meu tio, principalmente o Tião, Sebastião, que toca pandeiro há mais de 50 anos. Foi com quem eu convivi como referência da família Gomes de música. Onde ele vai, ele leva o pandeiro dele, aro 14, é impressionante. Ele leva o samba todo com ele. Ele já é o samba, não precisa de muita coisa. Ele e o pandeiro dele já aconteceram. É muito bonito. Depois é que fui entender o tamanho que isso tem na minha vida, como a gente tem nossas heranças. Na família, na nossa ancestralidade. A música, o samba, o pandeiro fazem parte dessas minhas heranças. Me assumir mesmo, sou cantora de samba, foi aqui em Ouro Preto, exatamente nesse retorno. Depois desses acúmulos todos na Bahia. Me apresentava lá, cantei lá, mas pra falar "sou cantora, canto, e canto samba também", foi em 2024, ano passado. Comecei o projeto, chamado "Samba com Dendê", que é uma banda de samba. Dendê exatamente por causa dessa conexão com a Bahia, com o samba de roda, com a espiritualidade, com as religiões de matriz africana, com os orixás. O "Samba com Dendê" vem pra exaltar essa ancestralidade que tem no samba. Desse samba que é preto, esse samba que é sagrado. Que é em roda, que é comunitário. Isso me encanta muito. Trazer essa linguagem junto com a experiência dos músicos daqui, que são muito bons, muito boa formação que eles têm. Mas foi uma novidade também para eles nesse sentido. A gente vem nessa troca desde o ano passado. E agora continuo com os projetos, já tenho outros surgindo, mas dentro dessa linguagem do samba conectado com a raiz dele, com a matriz do samba. Não o samba raiz, mas o samba matriz. Que é pé no chão mesmo, palma de mão e participação em roda. Isso me encanta muito.

Como foi pra você nesse meio, você teve dificuldade por ser mulher?

Com certeza. É um lugar que, primeiro, existe um lugar de auto permissão, de autorização. Da gente se autorizar. Porque para nós, mulheres, existe uma cobrança muito grande da gente com a gente mesma e da própria sociedade. Muitos homens medianos conquistam espaço muito mais rapidamente numa roda de samba do que uma mulher. Aqui, principalmente em Ouro Preto, eu vejo esse protagonismo masculino muito forte. Ainda mais de mulheres instrumentistas, muito dificilmente... Tem várias, viu? Elas ficam escondidas. E é difícil até da gente se encontrar. Eu tive um apoio que foi muito importante pra mim, é importante falar isso. Que foi do meu grande amigo, amigo do meu pai, que cresceu com meu pai e que hoje é um grande mestre pra mim, que é Castora dos Anjos. Castora é um dos maiores artistas dessa cidade. Rodou o mundo! China, Ásia, Europa. Um grande artista e fica no desconhecimento aqui na região, mas é um artista muito potente. Um homem ouro-pretano, preto, muito talentoso e que me acolheu como uma sobrinha mesmo. A quem eu sou muito grata. Ele é percussionista no projeto "Samba com Dendê", um grande amigo e um grande mestre. Foi ele que me deu um grande impulso: "Vai, preta! Vai, Isabela. Vou com você. Eu tô com você". Quando ele me deu a mão nesse sentido, e os ensaios, os primeiros ensaios aconteceram na casa dele, os equipamentos, essa estrutura, ele me acolheu. Tê-lo comigo foi muito importante, principalmente no início. Depois fui encontrando outros parceiros até formar a banda, numa coesão, e a gente conseguir avançar com o projeto. Mas ter a presença dele pra mim foi fundamental. De alguém que me desse esse braço: "Vamos comigo". Porque sozinha eu acho que ia ser bem mais complicado. E dessa figura de um mais velho. De um mestre. Que fala: "Não. Vamos". Mas é difícil, porque percebo uma sabotagem muitas vezes, e machismo também, muito presente nesses ambientes.

E como você compreende a importância do seu projeto?

A ideia do projeto "Pandeiras" não é simplesmente fazer uma antítese ao que acontece no contexto de Ouro Preto. Negar, por exemplo: "Ah, as rodas de samba são masculinas". A gente não quer criar um conflito com esse ambiente. A ideia do projeto é a gente se fortalecer e levar o pandeiro para nossas vidas. Porque cada uma tem uma história de vida onde o pandeiro, que é esse pulsar, que é essa pulsão de vida, é uma frequência, é um código sonoro... como que esse código vai reverberar na vida da pessoa? Porque eu conheço mulheres que começaram a tocar pandeiro e deslancharam em outras áreas da vida delas. Porque se autorizaram a cantar e a tocar, fazer uma coisa que elas não sabiam que sabiam, ou que poderiam saber. E que isso foi desencadeando processos na vida delas. Então, para além de objetivos musicais, de mulheres que tocam, é mulheres que tocam a própria vida. Que giram no centro da roda da própria vida. E, claro, é importante a gente ter essa formação musical e essa compreensão do protagonismo preto, afro-indígena, na constituição musical brasileira. Eu trabalho com essas referências. Com essas matrizes. Não é só um ritmo. "Vou tocar samba". Mas como começou o samba? Qual a história do samba? O samba nasce no Rio de Janeiro? Não. O samba nasceu na Bahia. O samba nasceu no Recôncavo da Bahia. Quem leva o samba para o Rio de Janeiro? Quem gravou? Foi "Pelo Telefone", aquela primeira gravação do Donga. Do Donga. Mas ele é filho de uma baiana! E quem foi Tia Ciata? Quem foi Tia Perciliana? Quem foram essas mulheres, matriarcas do samba? E aí a gente vai trazendo dentro do projeto esse legado feminino na história do samba e de outros ritmos. Do forró. A gente fala de Luiz Gonzaga. Quem é Anastácia? Quem é Marinês? Quem são essas mulheres que na década de 50, 60, 70 estavam aí metendo o facão e subindo no palco? Coisas que abriram o caminho pra gente hoje poder cantar. Mais do que aprender um ritmo é você também compreender a sua história, compreender o território. Recentemente a gente fez uma oficina que foi muito interessante, no Padre Faria.

E teve a participação das Pastorinhas. Que são mulheres que tocam as Pastorinhas, que fazem parte do contexto católico, e que usam pandeiro! Pandeirosas, Pastorinhas! Foi muito legal, porque elas participaram da apresentação final, a gente aprendeu como é o toque das Pastorinhas. E a gente começou o projeto cantando "Arreda Homem", que é um canto de Pombagira, e terminamos o espetáculo cantando "Cálix Bento"! Pra Nossa Senhora, com as Pastorinhas. Eu falei: "Gente, sagrado é isso! Sagrado tem muitas facetas". E respeitar o território, conhecer o território. Claro que a gente sabe dos atravessamentos que a colonização traz no nosso sagrado, na nossa fé. Mas, hoje em dia, o que somos? Como a gente pode confluir nessas trocas? E aí, no território aqui de Ouro Preto, foi legal que a gente conseguiu trocar com as Pastorinhas. Elas se verem como mulher: "Olha, que legal". Se identificaram ali com isso. Foi muito interessante.

Tem alguma música que tem algum significado especial pra você? Alguma música de samba?

Tem várias que eu gosto muito. Mas eu gosto de compor também. E tem uma música que eu fiz, que fala sobre o pandeiro. Se chama "Pandeiro Meu Mestre". Ela não foi gravada ainda, mas o refrão dela fala assim:

(Bela canta)

"Que eu sempre agradeça

Que nunca me esqueça

Do mestre pandeiro marcando o compasso do meu caminhar

Que eu sempre agradeça

Que nunca me esqueça

Do mestre pandeiro marcando o compasso do meu caminhar"

O que você diria pra alguma mulher que tenha vontade de se envolver com o samba?

Em primeiro lugar é um lugar de auto permissão. Se permita. É se permitir cantar. Se permitir tocar. Eu acho que é um lugar de não esperar estar pronta para começar algo. Porque não tem como você estar pronta se você não começou. Então, dar esse primeiro passo é muito importante. E buscar redes de fortalecimento dentro do ambiente musical, que possa te acolher e que possa te fazer sentir bem. Essas redes são muito importantes também. Porque é muito diferente o ambiente, por exemplo, das "Pandeiras", que é um ambiente onde eu faço questão que seja um espaço acolhedor inclusive por erro.





SILVIA CRISTINA GOMES



Silvia é uma incrível intérprete e uma dedicada estudiosa do samba em Minas Gerais. Sua trajetória une talento, conhecimento e paixão, contribuindo para valorizar, preservar a identidade do samba no território mineiro.

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Silvia Cristina Gomes

Entrevistadora: Ana Aline e Manuella

Local: Via Google Meet

Data: 20/10/2025

Como e quando o samba entrou na sua vida?

O samba entrou na minha vida nos repertórios de carnaval na infância através da voz de Beth Carvalho e Clara Nunes carnaval de rua- 1998 show em homenagem aos 90 anos de Ataulfo Alves na casa da Ópera.

Qual foi o seu primeiro contato marcante com o samba?

Em 2009 o primeiro show inteiro de samba no projeto SAMBAKI no conservatório da UFMG.

Você participa ou já participou de alguma escola de samba, roda de samba ou grupo?

PROJETO SARAIVÁ - no Cartola Bar, todo sábado

SAMBA DA MADRUGADA - semanal - Santa Tereza/BH

QUINTAL DO DIVINA LUZ – 6 meses

ESSE SAMBA TODO É NOSSO – Bar da Nida produção independente em OP

Qual sua relação com o samba?

Sou intérprete e pesquisadora de sambas inéditos

Há alguma mulher no samba que te inspirou e influenciou?

Ivone Lara, Leci Brandão, Elis Regina, Clara Nunes, Marlene de Castro, Fabiana Cozza, Clementina de Jesus, Jovelina Pérola Negra, Beth Carvalho, Aline Calixto.

Como você enxerga o papel da mulher no samba hoje?

O papel da mulher no samba hoje é de resistência, criação e liderança. Nós viemos de uma trajetória onde muitas mulheres foram silenciadas, mas também abriram caminhos com muita coragem — como Dona Ivone Lara, Jovelina, Alcione, Clara Nunes. Hoje, vejo que estamos ocupando espaços com mais autonomia, assinando composições, produzindo nossos próprios trabalhos e conduzindo rodas de samba. No meu caso, o samba é também um espaço de afirmação da minha identidade e da minha ancestralidade. Cantar samba é reafirmar a força feminina dentro dessa tradição, com respeito e liberdade.

Quais dificuldades ou preconceito enfrentou por ser mulher nesse meio?

Como mulher no samba, enfrentei desafios que vão desde o simples ato de ter minha voz respeitada até conquistar meu espaço em rodas e produções muitas vezes dominadas por homens. Ainda existe uma resistência velada, uma desconfiança sobre a capacidade da mulher de comandar uma roda, dirigir um projeto ou assinar composições. Mas acredito que tudo isso vem mudando. A cada vez que uma mulher sobe ao palco e se coloca com verdade, ela abre caminho para muitas outras. Eu sigo firme nesse propósito, transformando cada dificuldade em força para continuar cantando e afirmando o nosso lugar. As dificuldades que encontrei por ser mulher no samba passam muito por esse lugar do reconhecimento e do respeito. Durante muito tempo, o samba foi um espaço onde as mulheres estavam mais no coro ou na plateia. Já vivi situações em que precisei me impor com delicadeza, mostrando que a mulher também pode liderar, produzir e fazer o samba acontecer com a mesma entrega e verdade. Hoje, vejo que essa presença feminina está se ampliando, e isso me enche de esperança. Eu me reconheço nesse movimento: de resistência, de amor e de continuidade — porque o samba, pra mim, é também um território de ancestralidade, e é nessa raiz que encontro força para seguir cantando.

Enxerga o samba ainda um espaço predominantemente masculino atualmente em relação a antes? Em quais aspectos?

O samba ainda traz marcas de um espaço predominantemente masculino, sim. Antes, a mulher tinha pouca visibilidade mesmo desde o início estando presentes. Muita gente lembra apenas de Tia Ciata, mas, na verdade, havia várias outras mulheres negras, matriarcas, cozinheiras, curandeiras e líderes espirituais que tiveram papel fundamental nos primórdios do samba carioca e brasileiro — especialmente nas primeiras décadas do século XX. Essas mulheres eram as verdadeiras guardiãs do samba — elas abriram suas casas, cozinham, rezaram, acolheram e protegeram os sambistas quando o samba ainda era marginalizado. Eram também empreendedoras culturais e sacerdotisas, que transformaram seus lares em territórios de liberdade e criação. Em Minas, especialmente, vejo um movimento bonito de irmandade e colaboração entre as sambistas. Ainda há desafios — o reconhecimento profissional e o respeito no bastidor nem sempre caminham na mesma velocidade que a arte —, mas sinto que estamos ressignificando o lugar da mulher no samba.

Quais mudanças você viu acontecer no samba na região ao longo dos anos?

Eu percebo que o movimento do pagode mais frequente em Ouro Preto - Espetinho Resenha, nas Dores - é um sucesso. Samba do Marília mais atuais. Samba do Beco todos protagonizados por homens. Projetos e artistas que chamavam minha atenção desde sempre, como o grupo Cachaça com Arnica, de Itabirito, Pirulito da Vila - sambista compositor, Bar da Nida sempre abrigou o movimento do samba na cidade de Ouro Preto. Samba na Ladeira que antecede ao projeto Candonguêro - onde a cantora Giselle Couto protagoniza na voz, nessa época eu morava em Belo Horizonte. Compositores como Vandico, Vicente Gomes, Edmundo Guedes, Jorge Adílio Maria Ferreira e Maria de Lourdes (samba gravado no álbum do Candonguêro).

Como você vê a importância do samba enquanto expressão da identidade brasileira e de resistência?

O samba é uma das expressões mais verdadeiras da identidade brasileira, porque nasceu do encontro e da resistência do povo negro. Ele vem das senzalas, dos terreiros, das cozinhas e dos quintais — lugares de dor, mas também de criação, fé e liberdade. O samba nos ensina que resistir também é celebrar.

Qual roda de samba, bloco ou escola considera referência no empoderamento feminino?

Esse samba todo é nosso. Os coletivos na nossa cidade que se dedicam ao encontro de mulheres na música Bateria Carabina, Pandeirosas, cantoras Erica Curtis, Livia Rosa, Manu Dias.

O que ainda precisa mudar para que as mulheres tenham mais espaço/protagonismo no samba?

A colaboração e conexão entre nós mulheres, mais união e um olhar voltado para a Dona Música como prioridade, talvez seja um bom começo. O que ainda precisa mudar é a estrutura: os editais, as programações de eventos, as políticas culturais e até os olhares dentro das próprias rodas. É preciso reconhecer que o samba também tem a força feminina, corpo de mulher e histórias de mulheres. Quando essa consciência for natural, o protagonismo feminino deixará de ser exceção e passará a ser parte viva da tradição.

Que conselho você daria para mulheres que querem se envolver com o samba?

Mergulhe com respeito. Coragem. Estude e ouça muito samba, confia no poder do coletivo.

Um samba ou sambista que te representa?

“Nasci pra sonhar e cantar”, de Ivone Lara e Mestre Jonas.

Hoje, há novas gerações de sambistas, mulheres e homens, se reconhecendo nessa expressão e fortalecendo uma identidade própria — o samba mineiro, que carrega uma batida mais terrosa, ligada à fé, à ancestralidade e ao jeito de ser do interior.

O que o samba representa para você?

O samba, para mim, é raiz, é reza e é caminho. É uma das formas como eu me reconheço no mundo. Ele representa minha ancestralidade, a força das mulheres da minha família. O samba me ensinou a olhar pra mim e pro outro com mais respeito, a compreender o valor da coletividade, da partilha e da alegria mesmo nos dias difíceis. Quando eu canto samba, é como se eu me conectar com algo muito antigo, com vozes que vieram antes de mim — e também com as que virão. É uma herança viva.

Você gostaria de compartilhar alguma história marcante que viveu por causa do samba?

O encontro com o compositor Chiquinho Vírgula, um dos compositores de Insensato Destino, entre tantos outros sambas de sucesso no meu universo sambístico, ele ali profundo gentil e quase parecia um tio, irmão de minha mãe, nos tornamos amigos. Outro momento marcante foi atravessar o portão da casa da Tia Surica, em Madureira, para uma feijoada, um quintal onde tantos ídolos se reuniram ao longo de décadas, eu ali, não sabia nem onde colocar a mão, a fala, de tamanha a frequência naquele lugar. O samba aconteceu e eu só chorava.

Existe alguma música de samba que tenha um significado especial pra você?

Canto das Três Raças, um dos mais difíceis de cantar, para mim.

O que você acha que pode ser feito para manter o samba vivo no território?

Uma boa casa de samba não temos ainda, festival de samba com convidados de outros estados encontros com artistas da cidade



A portrait of a woman with long dark hair, wearing a green and orange garment, set against a green background with a white circular graphic element.

MONA ALICE ROCHA

*Membra da diretoria e enredista da Escola
de samba União Recreativa do Santa Cruz
em Ouro Preto*

FLOR DE ANAHÍ



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Mona Alice Rocha

Entrevistadoras: Vitória e Manuella

Data da entrevista: 22 de outubro de 2025

Local: Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA)

Você poderia se apresentar?

Meu nome é Mona Alice, tenho 24 anos, sou de Ouro Preto e fui enredista da Neo Recreativa do Santa Cruz, lá em Ouro Preto que é uma escola de samba que nasceu do nada, assim dizendo, com as crianças pegando palitos na rua e batendo nas latas e, desde então, ela vem ganhando força mesmo e se destacando cada vez mais. Nesse enredo que eu fiz no ano passado, eu entrei voluntariamente na diretoria porque o meu ex-namorado é vice-presidente. Então, por ser uma diretoria onde tem muitos jovens, nós nos voluntariamos para ajudar a escola, porque ela é socialmente vulnerável. A gente não tem barracão, a gente não tem, inclusive, a documentação atualizada dessa diretoria... então toda ajuda é bem-vinda. A gente tem essa diretoria oficial e tem três pessoas que se voluntariaram para entrar nela. Eu toco na diretoria desde 2016, quando eu tinha 15 anos, a convite de uma amiga minha, e este ano eu também vou ser a enredista, inclusive com a proposta do tema "Egito Antigo: Berço da Eternidade". E, no ano passado, com o título "Raízes Ancestrais: O Alcance dos Povos Indígenas", o nosso enredo foi vice-campeão do Carnaval de Ouro Preto. Mas aí eu fiz o enredo; eu não fiz o samba-enredo, não. O samba-enredo, que envolve melodia, foi feito por outra pessoa, porque eu não consegui adentrar essa parte, não. Mas o enredo é a história que a escola vai apresentando, a temática, assim dizendo. Então eu entrei nessa parte. Pra mim, mostrar pros meninos também que, por mais que a gente não tenha dinheiro, a organização nesse processo é essencial, sabe? Então, na proposta que eu fiz, eu elaborei um seminário, apresentei, fiz umas coisas montadinhas, bonitinhas, pra apresentar a ideia pra eles. Assim, ela foi aprovada e não é só porque eu sou da diretoria, mas porque teve um impacto bacana mesmo, até no público do bairro e da cidade. E foi uma proposta que a gente conseguiu colocar em prática.

Como você enxerga o papel da mulher no samba hoje, com todo esse contexto que você traz? Como você vê isso no samba atual, por ser uma área predominantemente masculina?

Eu observo que, na sociedade em que a gente vive, com as particularidades que caracterizam o Brasil, o patriarcado, o machismo e o capitalismo dependente são processos de escravidão que marginalizam as mulheres, colocam elas em lugares onde se colocam rótulos sobre nós. Então a gente tem que quebrar esses tabus e aparecer em lugares de representatividade, mostrando o lugar das mulheres: nossa opinião, nosso ponto de vista sobre alguma coisa, nossa elaboração das tarefas e não só nas domesticadas, do trabalho de cuidado e tudo mais. É muito importante para mostrar o nosso poder, porque, por muito tempo, a gente foi calada, submissa, e já tínhamos lugares predestinados. Então, hoje em dia, com a gente ocupando esses espaços, eu acredito que é um avanço gritante, por mais que ainda sejam pequenas coisas. O Carnaval, pra mim, é uma manifestação da cultura popular, então quando nós, mulheres, nos colocamos nesses espaços, a gente perpetua, de certa forma, direitos de igualdade, né?! Porque a gente não dita só uma visão de mundo dos homens; a gente coloca também a nossa visão de mundo feminina, o que é muito importante na sociedade em que a gente vive uma sociedade que ainda tem essas particularidades que, infelizmente, nos colocam em um berço muito conservador. O samba, hoje em dia, acredito que seja uma resistência, porque, no caso, ele se preocupa em apresentar nossas particularidades, nossas resistências e nossos saberes. Então, de certa forma, acho que ele entra num viés cultural e político ao mesmo tempo, e também, num viés de atender nossas subjetividades, né?! Porque eu não acho que seja só o concreto, só as tarefas que devem moldar nossa vida. Acho que, quando a gente está no cotidiano aí, corrompida pela alienação, pelo trabalho, sabe? Por questões que o capitalismo rouba da gente... quando a gente tem essa abstração e coloca a cultura no meio disso, é uma abstração que, de certa forma, como eu coloquei antes, traz saberes ao mesmo tempo que coloca diversão. Então acho que é um ensinamento interessante não só pra gente, mas pra comunidade, porque ele não é uma coisa chata, entediante; ele toca nessa subjetividade, toca numa coisa que a gente gosta. Então acho que é bacana.

Qual foi a história mais marcante que você teve no samba? No seu processo?

Eu acho que, tipo assim, eu sou uma pessoa que me cobra bastante. Normal... acho que a gente tem essa mania mesmo. Mas, quando eu ouvi que o meu enredo foi 10 que ele foi, nas palavras do jurado, claro e objetivo, de fácil leitura eu acho que consegui transmitir a mensagem que eu quis, sabe? Que é realmente passar essa mensagem dos povos originários para a sociedade. E, de certa forma, eu não acreditei em mim, né?! Eu não achei que meu enredo seria nota 10 por parte dos jurados, porque é uma nota que não vem só de uma pessoa, é um conjunto de jurados. Me marcou bastante; eu fiquei bem feliz. Não esperava, não... Acho que, por eu ser nova também, e por ter sido o primeiro enredo que eu elaborei, eu tava ali meio que com os olhos tapados. Quando veio o 10... nossa! Foi um alívio, e tanto.

E como você se relaciona com o samba hoje em dia? Como você mescla isso com o Serviço Social já que é aluna do curso? Como isso é pra você?

Caraca! Eu observo que o Serviço Social traz essa leitura crítica pra gente, sabe? Quando eu entrei no curso, eu já tinha a visão de que a sociedade não era fácil, mas eu acho que o Serviço Social abriu meus olhos nessa leitura da sociedade mesmo, de compreender que a gente está numa sociedade neoliberal, capitalista, que possui essas particularidades que eu pontuei antes esse capitalismo dependente, que passou pelo escravismo... essas questões. Observar que o samba tem essa voz de resistência mesmo, sabe? Eu acho muito legal a gente pegar uma expressão da cultura popular e pontuar coisas que, muitas vezes, são tidas como normais no nosso cotidiano, mas que não são normais; acontecem por causa da sociedade de classes em que a gente vive, da sociedade capitalista, do Estado burguês. Então, a gente pegar essa expressão cultural e perceber que ela traz pautas importantes e bem interessantes é algo muito significativo.

O que você acha que pode mudar para as mulheres terem mais espaço nesse meio do samba sem ser de uma forma mais sexualizada?

Eu acho que, antes da gente pautar essa questão na escola de samba, a gente tem que ter um olhar atento para o nosso cotidiano mesmo, porque as mulheres, infelizmente, com o estilo de vida que a gente vive, acabam ficando mais ocupadas com as tarefas de cuidado. Infelizmente, isso é algo que vamos ter que enfrentar com muitas lutas para conseguir abandonar. Eu observo que as mulheres se sentem mais restritas para ocupar esses espaços, porque elas apresentam outras demandas. Acho que isso é particular de cada família, mas percebo que, muitas vezes, o homem tem a liberdade de ir para a escola de samba, seja para participar da diretoria, da bateria ou do desfile enquanto a mulher está ocupando o espaço do cuidado dentro de casa. Então, eu acredito que isso tem que ser conversado dentro de casa, com o parceiro. E acho também que a mulher precisa se permitir mais. A gente tem que aproveitar esse livre-arbítrio que demorou tanto para conquistar e ocupar esses lugares. Igual vocês falaram sobre as mulheres que se posicionaram e disseram que queriam participar também, não só nesse papel de sexualização. Porque, realmente, eu sinto que existe esse espaço limitado para as mulheres, muito voltado para o destaque de rainha de bateria, mostrando o corpo, sambando e sempre sorrindo estando ali, de certa forma, exposta para ser vulgarizada diante do público. Mas eu acho que, quando ela se propõe a abandonar um pouco esse pensamento de “ah, eu não sou capaz”, que a gente infelizmente ainda carrega, e quando as escolas também passam a entender que o conhecimento e o ponto de vista seja de mulher ou de homem quanto mais aparecerem, melhor, até porque é um trabalho coletivo, não é de uma pessoa só... Então, acho que a gente pode começar por esses caminhos. É claro que é uma mudança que precisa ser mais estrutural, porque isso tem raízes lá nos primórdios da sociedade, mas acho que a gente pode começar a quebrar esse tabu por aí: da gente se propor a ocupar esses espaços e conversar dentro de casa, no sentido de “se você pode, eu também posso”, e assim vai.

E o que você acha que pode ser feito para manter essa marca do samba crítico viva no nosso território?

Eu acho que o primeiro passo que uma das escolas podem adotar a priori, é parar de comprar enredos prontos de outros lugares que eu acho que é uma questão pouco debatida em Ouro Preto, não sei como funciona aqui em mariana, eu digo mais por Ouro Preto; simplesmente tem escolas que já tem uma verba simplesmente irem para outros lugares e comprarem um enredo pronto, isso pra mim não é preservação da cultura, isso pra mim é um plágio de certa forma. Acaba que o Carnaval passa a ser mais mercantilizado, porque as escolas entram na disputa para ganhar o troféu, sem se preocupar em envolver a comunidade nesse trabalho, sabe? Tanto de entender o enredo quanto de construir as fantasias, os carros, as composições dos sambas-enredo... então assim, eu acho que vai muito nisso, sabe? Vai virar essa mercantilização das relações sociais. Esse senso de competitividade entre as escolas está fazendo a gente perder mesmo a essência do Carnaval... isso deve ser revisado, sabe? A gente precisa abandonar esse senso de competitividade e colocar mais em prática as nossas ideias, porque, pra gente colocar uma escola na praça, tem muito trabalho da diretoria, tem o trabalho da bateria, que é da comunidade, tem o trabalho da própria comunidade... é muito trabalho ali, sabe? São mentes que pensam no desenho, pensam no samba-enredo, pensam nas fantasias, nas alas e nas coreografias. Então, pra manter isso vivo, a gente realmente precisa abandonar esse senso de competitividade que está sendo imposto e convidar a comunidade, porque eu sinto que, às vezes, a comunidade não se sente pertencente àquele lugar. São pessoas que pensam que só a diretoria trabalha, pessoas que têm vergonha...então, é importante ter essa comunicação no seu meio e chamar mesmo a comunidade para fazer parte. Só assim o samba vai se perpetuar.

Qual conselho você daria para as mulheres que querem se envolver com o samba?

Permita-se. Às vezes a gente desacredita da gente, às vezes a gente pensa que não tem tempo, às vezes a gente pensa que é algo em vão, mas é nessa quebra aí com o nosso cotidiano atarefado que a gente observa que se permitir é válido, sabe? Não é porque a gente é cheio de trabalho, cheio de trabalho, que a gente não pode se permitir. A gente tem que fazer acontecer mesmo, sabe? E quando a gente se envolve numa escola de samba, é muito diferente da gente, só estando lá para entender. É uma energia surreal, juro. Tanto no começo dos ensaios, na elaboração do enredo, quanto no último momento ali em que a gente sai da Praça.

Você já chegou a debater isso na escola, sobre essa questão da relação das mulheres no samba?

Se eu falar que já, eu estou mentindo. Porque a nossa escola é inclusiva. A nossa diretoria conta comigo, Nininha, Adrielle, Laura e Kélis. De homens, só tem dois, o presidente e o vice, o resto somos nós. A bateria é majoritariamente feminina. Nas nossas aulas, quem mais aparece são mulheres. Também normalmente são mulheres. Então assim, eu acho que a nossa escola não tem muito problema com isso, sabe? Ela não é machista, não. Ela é... ela é íntegra nesse quesito. A gente não conta com esses preconceitos fúteis, não. Acho que, tipo assim, a representatividade masculina que a gente tem é o operador, presidente e vice; o trabalho mais pesado, tipo solda de carro, aí são os homens que fazem, mas no mais, é a gente. A mente ali pensante, o trabalho, somos mais nós mesmos.

Como você vê a nova geração se relacionando com o samba hoje?

Gente, eu acho muito engraçado e interessante também. Igual na nossa bateria, todo ano aparece muita criança querendo aprender. E tipo assim, é legal, mas ao mesmo tempo pra gente é de cortar o coração, porque a nossa escola não tem verba.

O Carnaval de Ouro Preto não conta com o apoio da prefeitura. Somos uma escola que não parte do princípio da equidade porque estamos muito atrás das outras. A maioria tem galpão, tem vereador no bairro que apoia. A gente não tem galpão, conta com favores alheios do pessoal da comunidade. Então, quando chega esse tanto de criança querendo aprender a tocar e a gente não tem instrumento, porque muitas das vezes surdo, por exemplo, a gente tem que ser um menorzinho. A gente não tem dinheiro para prover aqueles surdos pequenos. Repinica, muitas das vezes também não dá. Então a gente tem que direcionar eles, infelizmente, para o tam-tam. Mas é muito legal ver que eles querem participar, querem aprender. Inclusive, a Santa Cruz está com um projeto chamado “Samba de Viver”, que é para ensinar essas crianças a entrar na bateria. Porque a escola de samba, se for partir de uma perspectiva histórica, surgiu com as crianças pegando as varetinhas e batendo em latas. Então, banalizando essa curiosidade infantil, eu acho que é, de certa forma, corromper essa cultura que a gente tem riquíssima atualmente. Porque a escola de samba está em uma competição da cidade, mas ela representa o bairro. Mas a nossa escola não se faz só com pessoas do bairro. Eu, por exemplo, sou do Taquaral é um morro em Santa Cruz, e faço parte da diretoria de lá. Então, a gente abraça qualquer um que chegue mesmo. Qualquer um que queira contribuir, a gente recebe. E é muito emocionante ver essa força, sabe? Porque é um ajudando aqui, um ajudando ali. E como eu pontuei para você, nada do que eu falei é mentira. A gente não tem verba nenhuma. A gente sai no carnaval devendo trabalho para os outros. E quando a gente vê o que todo mundo está fazendo acontecer para que o desfile saia inteiramente na praça, é gratificante demais. Ano passado, o nosso carro quebrou, faltando 20 minutos para a gente entrar na praça. Ele estava lá no bairro ainda. Quebrou. Aí um sujeito chegou perto de mim e falou: “Ah, o último carro quebrou”. Eu falei: “Não, não quebrou não, ele está vindo”. Ele me mostrou uma mensagem no WhatsApp. Aí eu fui, liguei para o Ney e perguntei: “Ney, o último carro vai conseguir vir?” Ele está todo desesperado: “Mona não sei, Mona não sei”. Eu fui lá no amigo meu e falei: “Vai, corre lá e vai ajudar”. E todo mundo ajudou, ajudou, ajudou.

E quando o carro chegou na Praça, porque foi aquela confusão toda, né?! Porque teve chuva, o público foi embora, o pessoal que queria sair não pôde sair, porque veio aquela chuva toda. Fantasia que ficou molhada, fantasia que se perdeu. O carro que tinha quebrado chegou assim, com 5 minutos para a gente sair. Eu chamo o pessoal, gritando: "Gente, vamos arrumar as alas, que não sei o quê". Todo mundo batendo palmas, sabe? Eu acredito que foi chuva de bênçãos mesmo. E quando a gente vê que todo mundo aplaudiu na hora que o carro chegou, nossa... energia surreal. Eu lembro que assim que a gente finalizou o desfile, eu coloquei no meu status de WhatsApp agradecendo à comunidade e falei que, independente do resultado, o nosso trabalho tinha sido entregue e que a gente entregou o nosso melhor dentro das nossas limitações. Mas no dia da apuração, quando veio o troféu de segundo lugar, nossa, foi muito legal, gente. Então acho que são essas coisas que fortalecem a gente, sabe? Porque o que pra gente é uma coisa, pra algumas pessoas não é banal. Pra muitos, é a fuga do ambiente de casa, que é conturbado. É impedir a criança de entrar no mundo errado. Sabe? É aquele desestresse da mãe, do pai. Então são coisas, é informação que a gente repassa para a sociedade através desse samba. Então, eu acho que é uma coisa que não pode acabar de jeito nenhum. Quando a gente vê a força coletiva para que isso aconteça, é muito gratificante. Não tem dinheiro que paga.

Quais dificuldades ou preconceito você enfrentou por ser mulher nesse meio?

Eu acho que, por ser mulher diretamente, nenhuma. Mas, como eu pontuei lá no começo, a nossa diretoria é formada por pessoas jovens. Eu com 24, mas entrei com 22. Neninha também com 24, Ney com 26, João Pedro com 27. Velhos têm só os outros. A gente, de certa forma, escuta. A gente não tem como colocar e pontuar que é uma coisa, que é um boato verídico. Mas, muitas das vezes, as pessoas descreditaram do nosso trabalho, sabe? "Não vai conseguir colocar a escola na praça. Não vai dar certo".

E, tipo, nessa gestão que a gente tá, ter dois troféus de terceiro lugar, se não me engano - eu posso conferir e mandar pra vocês, e esse de segundo, é tá aí pra provar que muitas das vezes idade não diz muito sabe? O que conta nessas horas é mais a vontade de fazer dar certo.

E quais mudanças você viu acontecer na região ao longo dos anos?

A mudança que eu vejo que está acontecendo é exatamente isso que eu estou te falando. Eu acho que o Carnaval de Ouro Preto está se transformando em um produto, onde a mercantilização das relações sociais está tomando conta, sabe? Eu acho que as escolas estão entrando na Praça para conseguir títulos e não para perpetuar essa cultura que a gente tem dentro da cidade. A gente observa que as escolas que possuem dinheiro, possuem investimento, vão para fora e compram o Carnaval pronto, às vezes nem 100%, mas 80% ou 70% já traz um impacto gigantesco. Eu acho que o nosso Carnaval tem que ter essa autenticidade, sabe? Eu acho que nessa autenticidade que existe está o trabalho coletivo. Porque ter dinheiro e ir para outro lugar não é perpetuar a cultura; é mercantilizar ela. Acho que é isso que vem mudando.

E como você vê a importância do samba como expressão da identidade brasileira e de resistência?

Eu vejo de forma plausível, porque é o que eu coloquei: é uma forma de repassar ao público visões e perspectivas de coisas que muitas vezes são normalizadas no nosso cotidiano. Então, a gente pega esse meio cultural para trazer pautas relevantes, o que é uma coisa indispensável e muito criativa, né?! Toca mesmo na nossa subjetividade às vezes, em debates e na proximidade. Mas, quando você vê a escola de samba falando, você consegue se entrosar, porque entrou na sua mente de forma mais branda e mais fácil de ser dialogada. Entrou de uma forma mais sutil, então você consegue, de certa forma, ter essa perspectiva crítica através daquilo dali.

Então, a minha avó, ela é descendente de indígena, mas não sabe expressar direito, porque era a única mulher dentro de casa. Todas as vezes que os adultos iam conversar, ela era tirada das conversas; não podia perguntar muito. Então, ela sabe que tem essas raízes, mas de forma muito enxuta, porque, de certa forma, não podia explorar muito. Quando eu falei para a diretoria que iria apresentar o enredo e comecei a pensar sobre ele, eu pensei muito na minha avó. Aí surgiu essa idéia, dei uma estudada e consegui desenvolver o enredo. A gente apresentou a vida indígena, que essa visão respeita a natureza, o planeta. Enfim, essa visão que é uma identidade que moldou a nossa identidade brasileira. A gente possui as raízes ancoradas nessa etnia, e, de certa forma, é uma etnia marginalizada na ideologia hegemônica, então, a gente traz esse espaço para apresentar essa perspectiva, essa etnia, essa cultura. Eu acho que de forma divertida, no Carnaval, com uma expressão cultural, foi muito bacana. Aí, foi isso por alto, é isso. Eu acho muito legal esse movimento de usar o samba como uma crítica social; eu acho isso muito interessante. Um dos grupos que eu conheço que têm essa crítica é o Tuiuti. Eles têm uma composição contra a Primeira República, né?! Fala sobre toda a questão escravista e tal. Eu acho que isso mostra outra visão do samba não só falar sobre a vida boêmia e tudo mais, mas também como uma forma de expressão social. É um trabalho muito importante, assim... o que você faz é uma coisa surreal, principalmente essa relação que você teve de fazer para sua avó. Então, assim, é muito interessante mesmo, sabe? Acho que é isso.





DONA GENI



*Dona Geni é natural de Mossoró é a fundadora
da Escola de Samba Mirim Maestro Athayde
em Passagem de Mariana*

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Geni Leocádio da Silva dos Santos (Dona Geni)

Entrevistadoras: Ana Alice, Manuella e Vitória

Data da entrevista: 27 de outubro de 2025

Local: Passagem – Mariana

Você poderia se apresentar? Contar sobre a Escola de Samba Mirim?

Meu nome é Geni Leocádio da Silva dos Santos, nasci em Mossoró e tenho 81 anos. Eu que fiz a escola, fundei a escola Mirim. Isso foi com brincadeira de criança, batendo latinha na rua, porque há muitos anos eu já saía tocando surdo pela rua afora com os meninos, enquanto eu aguentava. Depois eu mudei pra cá, não achei mais meninos. Aí, esse dia, eu estava dentro de casa escutando zoeira na rua, véspera de carnaval de 2000. Aí cheguei ali na porta e falei com os meninos, tinha quatro meninos, e falei com eles: “Ensaia direito que eu vou lá na porta da igreja, lá na Fonte da Glória, com vocês”, aí eles ficaram “É mesmo?”, eu falei: “É, tocar direito aí!”. Ele estava em casa, pequenininho. Desceu ele e o irmão de lá, que mora aqui em cima. Eles ouviram eu falando com os meninos, desceram na mesma hora e vieram falando: “É mesmo, vó? Vamos fazer!”, e tal. E tem a escola adulta, então os meninos viam a escola adulta tocando. Inclusive, os meninos estavam até cantando um trecho da escola lá de cima, de tanto que é importante. Aí descemos lá pra rua e eu comecei a adaptar, mas eu não sabia direito o nome dos instrumentos nem nada. Fiquei ensaiando os meninos, aí foi aumentando o número de meninos. Aí ele (Gabriel- neto da Dona Geni) começou a apitar a escola, e eu fiquei catando lata pela rua afora aquelas latas de cera, que hoje eu acho que nem tem mais, que a gente fazia tamborim, e umas latas maiores de doce de leite, que a gente fazia repinique. E nisso, no primeiro dia de carnaval, eu fui mesmo com eles lá na rua. Tinha uns 20 meninos esse dia. Primeira vez que fomos na rua, os meninos todos felizes com aquelas latas, e eu continuei ensaiando eles. Tomei gosto, e gosto demais da conta. Quando foi 2013, a gente foi em Mariana. Contou os anos que eu já saía na rua, e quando foi 2013, eu já fui pra Mariana com os meninos, assim, sem saber nada.

Quando você era criança, você tinha contado ou escutava alguma pessoa que cantava samba? Via na televisão as escolas de samba? Como que era?

Quando eu era pequena, no meu tempo aqui em Passagem nem tinha escola de samba, não. Já fizeram a escola de samba depois que eu tava maior. Mas eu me acostumei com os bailes, porque meu pai e minha mãe gostavam demais, sabe? De bailes, de música, de futebol. Então eu me acostumei, com nove, dez anos, a ir no baile com eles e aprendi a dançar. A coisa que eu mais gosto na vida é dançar, seja samba, seja rock, seja o que for. Qualquer coisa eu caio no samba, graças a Deus. Eu não tô nem aí. Às vezes tem gente que fala: “Ah, Geni, ao invés de estar dormindo...”. Dormir que nada, gente! Isso é perda de tempo. Vamos curtir, vamos dançar né?! Aproveito bastante.

Como foi a movimentação para você começar a fazer a Escola?

A primeira vez que a gente saiu aqui foi tipo uma brincadeira, mas aí, no ano seguinte, eu já comecei a fazer umas fantasias. Acho que a segunda vez também saímos aqui, ou foi em 2003 que a gente saiu aqui... não... agora eu não vou lembrar. Eu só sei que aí a gente arrumou um moço que se interessou em mexer com a papelada da escola e arrumou a documentação pra gente sair em Mariana, pra ter registrado que ia sair por Mariana. Desde então, a gente recebe pra ir em Mariana. Sempre achei amigos pra me ajudar: meus netos, meu filho que hoje é até meu filho que apita a escola. Mas eu achei esse amigo que registrou, ele fez o registro. E eu tive gente pra assinar pra mim, advogado, tudo amigo meu, sabe? E depois, no dia que eu tava ensaiando os meninos aqui, o Carlos Xisto passou na hora que eu tava começando a ensaiar os meninos, que a gente ficou muito tempo aqui ensaiando na porta. Aí ele passou e parou, e eu falei: “Carlinhos, me ajuda a olhar os meninos aí”. Desde esse dia ele tá comigo até hoje. Mas tem outros amigos aí que ajudam muito a gente, e meu povo, meus netos. Agora até meus netos que estão mais na frente, porque agora eu tô mais de idade e tô deixando tudo pra eles... complicado.

Existe alguma mulher que tenha te inspirado a se movimentar, a pensar na escola?

Na época que eu comecei, minhas irmãs me ajudavam. As vizinhas também ajudavam. A Bia. A Bia é uma moça que mora ali embaixo, foi enfermeira em Mariana, ela ajudou e até hoje ajuda. Passou pra igreja evangélica, mas ela fala que, se precisar, ela vai até Belo Horizonte com a gente pra ajudar a comprar. Porque, se a gente não tiver essas pessoas com a gente pra ajudar, sozinha a gente não faz, né?! Às vezes eles falam assim: “Ah, mas é você que fez, você que fez!”. Não, ué. Eu, mas eu tenho as companheiras que também fazem, que ajudam: minha nora, minha neta.

Quais são as dificuldades pra fazer a escola se movimentar? Foi difícil? Você conseguiu apoio?

A gente recebe a verba de Mariana. No princípio, há uns dois anos antes, na época era mais fácil a gente arrumar um som e fazer uma brincadeira, fazer uma hora dançante, fazer uma feijoada para ajudar a escola. Mas hoje tá tão difícil fazer isso que não tem jeito, não tem jeito mais de fazer nada aí fora. Então a gente tem que ficar esperando o dinheiro da prefeitura. E o dinheiro da prefeitura, nossa Senhora, meu Deus, é uma dificuldade até que o dinheiro chegue na mão da gente. Você já arrancou os cabelos, porque o carnaval tá chegando e você sem saber o que fazer, esperando a resolução deles.

Como são divididas as funções e as ações da escola?

Assim, hoje a gente tem costureira, porque antigamente eu mesma fazia roupas. Eu pegava os panos, punha um em cima do outro e cortava as fantasias pros meninos irem pra Mariana, alegres e felizes. Eu estava achando a fantasia feia, mas quando os meninos vestiram, eles ficavam: “Ai, tá lindo!”. Aí pronto, pra mim tava uma maravilha. Mas hoje a gente já tem a costureira que faz a fantasia, e tem o apitador, que é o Geraldo, meu filho.

Tem meus três netos, que ajudam na bateria, que ajudam nas aulas. Tem Carlos Xisto, outro amigo também que sempre fica ali. Tem bastante gente que ajuda no dia a dia, se a gente precisar. É mais nós mesmos, sabe? Eu mesma, minha nora...

Nesse processo, você já percebeu se recebeu algum “não” ou algum tipo de preconceito por você ser uma mulher fazendo a Escola? E agora, por você ser uma pessoa idosa, às vezes acham que você não é capaz? Você já teve algum momento assim?

Não... até que não. Eu não sei por trás o que as pessoas falam, né?! mas assim, tratando comigo, me acham vantagem, que eu não devo parar mesmo, porque eu tô conseguindo e tal. Na época que eu fiz a escola, que eu tomei nome até meio de doida... não é doida, não...É algum outro nome... porque, na época, a gente tinha que cortar bambu no mato. E, na época, eu trabalhava ainda em escola, então eu chegava da escola com ele e mais três meninos e entrava lá no meio do mato para cortar o bambu e trazer pra casa, pra fazer as varetas. Então, no princípio, até os meninos ajudavam mais que hoje, que já tem a vareta pronta, né?! E eu saía catando lata e ia lá em cima, tinha um restaurante, eu ia lá e vinha com a mão cheia de lata. Aí a mulher pegou e falou: “Nossa, a Geni tá...”. Nossa, esqueci o nome. Parecendo doida, sabe? Porque eu tava feito doida catando lata pela rua afora. Mas, assim, no mais que eu saiba, ninguém fala que eu sou incapaz. Eu acreditei na escola.

Como você se sente pensando em como a escola começou? Como você teve a ideia e tudo mais? Como você vê agora? Você viu alguma evolução, alguma coisa melhorou, é mais fácil você conseguir sair com a Escola ou antes era mais fácil?

Acho que é a mesma coisa, a mesma correria que a gente tem, sabe? O que hoje melhorou é que a gente tem os instrumentos. E, quando precisa comprar, compra dois, três, assim, só pra ajudar. Porque, de primeira, a gente tinha pouquíssimo instrumento e tinha que ter lata no meio.

A primeira vez que a gente foi em Mariana, nós levamos algumas latas no meio e instrumento emprestado. Então, quer dizer, hoje a gente tem os instrumentos da gente, da escola, então é mais fácil por causa disso. E tem o problema de ensaiar também, de ensaiar as crianças. A dificuldade de ter um lugar pra ensaiar, sabe? Porque, às vezes, quando eu ensaiava aqui, a dona falava: "Não tem jeito de você ensaiar cada dia em um lugar, não?". Porque o lugar que tá ensaiando a pessoa não pode assistir uma televisão, porque é muita zoeira. A gente sabe que é. Agora a gente ensaia lá embaixo, na rua do campinho, perto da escolinha. E lá tem um problema, que tem uma menina que está doente. Até já fui lá na casa dela falar com ela que vamos ensaiar lá de novo, porque a menina não pode com muita zoeira. Aí ela falou que não tem problema, que ensaiar é bom e ela até gosta. Mas pelo menos ela tá sabendo. Mas é muito difícil. Contando com a bateria, é sempre cento e vinte, cento e cinquenta. Nós não levamos muitos meninos, não, mas é a bateria que tem mais gente. O mais difícil é a responsabilidade que a gente tem. A gente tem que ter responsabilidade com a criança: entrou no ônibus ali, fica por conta da gente. Aqui mesmo tem uns meninos que aprenderam a tocar na banda aí embaixo. Tem duas bandas de música, então eles aprendem a tocar na bateria aqui, mais fácil, né?! Chega lá já tá prendado, porque toca aqui. E, quando vai crescendo, toca lá na outra escola também na outra escola adulta. A gente sente uma emoção tão grande... só de eu falar eu já me sinto, sabe? Eu fico emocionada, porque eu amo a Escola, gosto muito dos meninos. De todo tempo que eu trabalhei com eles, ninguém nunca me respondeu. Um menino não gostou que eu chamei a atenção dele porque ele não podia ficar naquele lugar, porque é assim: você não pode pegar um menino e empurrar, nem puxar, não. Você tem que pegar ele com jeito pra mudar ele de lugar, então tem que saber lidar com eles. Um dia eu falei com eles, quando eu ensaiava aqui ainda, que graças a Deus vocês não pintam, são obedientes e tocam direitinho. Eu fico com vocês aqui umas duas horas, uma hora e meia, e eles me obedeciam. O menino que não obedeceu, pôs a caixa no chão e foi embora, mas ele não me respondeu, sabe?

Então é importante, eu acho importante. São muitos meninos, 50, 45, 60 que tem sempre. Hoje não, porque hoje é ele (Gabriel- neto da Dona Geni) e o pai que olham, mas eles gostam muito de ficar me chamando, tipo: “Ô, Geni, ô, Geni”, achando que eu ainda estou mandando. Então é por causa da minha Escola. Eu nunca tive depressão, graças a Deus, tô sempre alegre, tô sempre feliz. Aí com vocês: “É mesmo, Geni, é verdade”. É mesmo, é verdade! Aquele momento que você tá ali com eles, nossa mãe... é muito bom, muito bom mesmo. Eu gosto demais. E os grandes, que já tão com 18, 20 anos, não saem também, não. Tem uns que vêm e falam: “Não, Geni, vou ajudar você aí”. Desde pequenininho tá aí.

Tem alguma cantora que você escuta, de samba, ou não?

Tinha as músicas de carnaval que tocavam no clube, que eu vou desde pequena, fantasiada com meu pai. Ele mandava fazer fantasia pra gente, eu e a outra menor, a baixinha. Todo carnaval a gente ia na rua, porque os carnavais daquela época eram blocos, mas um bloco ajeitado, todo mundo de fantasia, as moças e os rapazes também. Então, toda a vida teve samba e carnaval na rua. Eu toda vida gostei de música, mas agora eu não lembro de nome, assim, não lembro. Eu tomei mania de rock porque meus filhos tinham uma banda que chamava Apocalipse. Era uma banda muito boa, e nossa mãe, era uma banda boa demais da conta. Mas sempre tocava músicas de rock, tipo Skank, sabe? Assim, da época. Eu fiquei viúva muito nova, eu tinha 31 anos, então o mais que eu lembro é música daí pra frente. Porque, quando eu tinha uns dois anos, eu comecei a dançar, e era rock. Não tinha pagode, pagode era antigo, não era igual de hoje. E quando a gente saía dançando na rua, era com samba. Tinha uma turma atrás tocando samba e a gente dançando atrás, na rua, de fantasia.

Você acha que a Escola é importante pra comunidade aqui de Passagem de Mariana?

Eu acho muito importante, porque é um menino de 14, 13 anos que quer ficar só no celular ou andando, que o pai nem sabe onde tá. Então marca um ensaio.

Na hora de marcar o ensaio, os meninos já estão todos lá, arrumadinhos, tomados banho. Ficam ali uma hora e meia, duas horas. É vantagem pra mim e pra eles, porque, enquanto eles estão ali com aquele instrumento na mão, eles não estão pensando em outra coisa. Só pensando em se aparecer, cada um quer tocar melhor que o outro. Então, pra mim, eu acho que é vantajoso.

O que você acha que poderia ser feito para manter sua Escola viva?

Eu acho que, às vezes, a minha pessoa — não é nem me gabando, não —, mas eu acho que a minha pessoa com os meninos, a minha pessoa na frente dos meninos, é um chamativo, sabe? Eu acho que eles, me vendo, se envolvem mais. Eu penso isso, né?! Não sei se é mesmo, não sei se eu dei a resposta certa.

Tem algum conselho que você daria pra alguém que quer se envolver com o samba agora?

Eu até dou conselho. Falo: “Gente, vem pro samba”. Ano passado, as meninas aqui embaixo até quiseram juntar pra fazer, só que tem que achar as ajudas certas e tem que querer, né?! Porque, se não gostar, se for fazer o negócio só por fazer, não vai. E se for fazer só pra ganhar dinheiro, não ganha nada. A gente não ganha nada. Toda vida que trabalhei nessa escola, nunca olhei esse negócio de ganhar. Hoje tá mais difícil, porque costureira, por exemplo, tem que pagar, porque, se não pagar, não tem costura. Uma pessoa que faz enfeite, você tem que pagar. Todo mundo que tá vindo fazer tá largando serviço ou tá chegando do serviço tantas horas pra vir pra cá. Então tem que ter consideração com isso, né?! Então hoje ficou mais difícil.





HADY ALVES

*Hady já foi rainha de bateria de diversas
escolas de samba de Ouro Preto*

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Hady Alves

Entrevistadora: Manuella Borges

Local: Entrevistada feita através de formulário

Data: 06 de agosto de 2025

Como e quando o samba entrou na sua vida?

Na verdade, não me lembro de quando, porque era muito criança. Mas, de como, eu lembro que foi através da minha mãe, que também foi rainha de bateria. Eu sou nascida e criada em Acaiaca e, antigamente, lá tínhamos duas escolas de samba que eram rivais: Raio de Sol e Raça. Lembro que, desde muito pequena, saía como destaque na ala infantil, com minha mãe à frente da bateria. Esse foi o primeiro contato que tive com o samba e com o carnaval.

Qual foi o seu primeiro contato marcante com o samba?

Acho que o meu primeiro contato mais marcante com o samba foi a primeira vez que participei de um concurso de rainha de bateria. Eu estava totalmente despreparada, não tinha técnica, não sabia nada, e as outras meninas eram muito mais velhas do que eu. Não tinha experiência nenhuma em samba. Fui assistir ao concurso, participei e perdi. Graças a Deus eu perdi, porque, se não, hoje eu não teria me tornado quem me tornei dentro do samba. Eu não desisti daquela vez. Então, meu primeiro contato mais marcante foi a primeira vez em que participei de um concurso de rainha de bateria e perdi.

Você participa ou já participou de alguma escola de samba, roda de samba ou grupo? Se sim, qual?

Já participei de praticamente todas as escolas de samba de Ouro Preto. Acho que a única de que não participei foi a já extinta Olímpia. Comecei no Carnaval de Ouro Preto aos 10 anos e, hoje, aos 28, tenho desfilado em escolas de samba durante todos esses anos, com exceção do período da pandemia.

Qual é a sua relação com o samba?

Hoje, eu sou rainha de bateria. Já estou há aproximadamente cinco anos consecutivos nesse posto, passando por diversas escolas de samba. Já fui rainha de bateria da Padre Faria, Santa Cruz e Morro Santana, entre outras. Atualmente, estou na escola São Cristóvão, e meu papel no samba é esse: ser rainha de bateria.

Há alguma mulher no samba que te inspirou e influenciou?

Sim. A minha primeira influência no samba foi minha mãe. Ter esse contato mais próximo com o samba através dela me trouxe uma ligação de admiração, de me colocar no lugar de plateia e público e admirá-la ao assistir. Tenho também algumas referências mais atuais, como a Evelyn Bastos, da Mangueira, que é meu top 1. A história de vida dela é bem parecida com a minha. Eu comecei desde criança, parecia que eu sempre nasci para fazer isso, que é uma coisa que sempre quis muito.

Comecei pelo caminho que hoje em dia não se faz mais, que é a Escola Mirim, depois para a Escola Maior, até chegar às campeãs. Esse percurso fez com que ela se tornasse uma das minhas maiores referências da atualidade. Tem também a Mayara Lima, do Tuiuti, que vem revolucionando o samba já há algum tempo.

Como você enxerga o papel da mulher no samba, especialmente em Ouro Preto?

Infelizmente, nesses mais de dez anos, já experimentei os dois lados da coisa, o lado bom e o lado ruim. Atualmente, enxergo o papel da mulher no samba em Ouro Preto como algo que ainda é levado muito na brincadeira. Acho que a gente está ali para brincar ou só para enfeitar. Existe essa ideia de que o papel da mulher é enfeitar o samba, com corpos e fantasias esculturais. Então, tem esse lado ruim da exposição e também o fato de não sermos levadas a sério. Acho que a sociedade ouro-pretana enxerga a mulher do carnaval como um objeto de enfeite, ali por uma hora na Praça Tiradentes, para tirar foto e gravar vídeo. Dentro das experiências que venho tendo ao longo dos anos, sinto que isso tem piorado. O assédio também é muito presente, assim como os momentos constrangedores que ocorrem antes, durante e depois do desfile.

Ouro Preto não é uma cidade tão carnavalesca como o Rio de Janeiro, por exemplo, onde a exposição é muito maior e as pessoas naturalizam. Aqui existe muito espanto e muita crítica. Para sobreviver no cenário do carnaval ouro-pretano sendo mulher, principalmente sendo uma mulher negra, é preciso ser muito forte e ter muita certeza daquilo que você faz.

Quais dificuldades ou preconceitos você enfrentou por ser mulher nesse meio?

A minha primeira dificuldade é lidar com uma exposição muito grande em um local relativamente pequeno. Isso gera um desequilíbrio na sua imagem, porque há menos pessoas, mas uma exposição muito maior. Às vezes, a sua vida meio que vira de pernas para o ar. Eu sofro muitas críticas, mesmo malhando, comendo bem e me esforçando. Criticam tudo: o figurino, o sapato, o cabelo, o sorriso, a pele, enfim, tudo. Fora o assédio por parte dos homens. Como Ouro Preto é uma cidade mais conservadora, as pessoas não contêm tanto as expressões e reações. Existe a ideia de que, por você estar usando uma roupa mais curta, não tem família ou não pode ter um relacionamento. As pessoas misturam as coisas. Acho que a minha maior dificuldade é que ser sambista ainda não é reconhecido como uma profissão em Ouro Preto.

Você considera que o samba e o carnaval ainda são espaços predominantemente masculinos? Em quais aspectos?

Eu ainda enxergo o carnaval como um espaço predominantemente masculino. Se a gente for olhar, temos uma presidente mulher, a Malu, do Império do Morro Santana, e isso já é uma prova do cenário atual do carnaval em Ouro Preto e também no restante do Brasil, especialmente nas grandes capitais, como Rio e São Paulo, que são referências para os carnavais daqui. Acho que isso realmente é um reflexo da sociedade. O carnaval é uma das maiores expressões culturais brasileiras e, mesmo assim, ainda é predominantemente ocupado por homens. Vejo mulheres geniais no carnaval de Ouro Preto que não têm oportunidade de executar suas ideias, porque os homens ainda estão à frente das decisões.

Quais mudanças você viu acontecer no samba na região ao longo dos anos?

A primeira coisa é que o formato do Carnaval de Ouro Preto vem se modernizando e, com isso, algumas coisas também vêm piorando. Antigamente, a Praça Tiradentes ficava lotada, havia maior público e visibilidade. A segurança era ruim, mas a ordem de distribuição dos desfiles favorecia que a praça ficasse cheia. Também percebo transformações técnicas nas escolas. Hoje, as pessoas querem apresentar muitas coisas tecnológicas e semelhantes ao que é feito em outras cidades, como o Rio de Janeiro. Parece que estamos tentando nos aproximar do carnaval carioca, quando poderíamos valorizar mais um carnaval mineiro. Ainda existem muitas coisas arcaicas, mas percebo que o pessoal está tentando acompanhar as tendências do Rio, que atualmente exerce uma influência maior sobre o nosso carnaval.

O que o samba representa para você?

O samba é parte de mim e eu sou parte dele. É o que eu acordo pensando e o que eu vou dormir pensando. É o que me dá energia para executar e fazer as coisas que preciso fazer, além de me dar discernimento e inteligência para tomar minhas decisões dentro da minha escola, pensar o que vou executar, o que será feito e o que não será. O samba é um pilar que rege o lado social da minha vida. Todo mundo que se expõe muito tem dois lados: um em que você convive mais com as pessoas, que é o lado social, e outro mais recluso. O samba é a minha porta de entrada para acessar a minha felicidade.

Como você vê a importância do samba como expressão da identidade brasileira e de resistência?

O samba e o Carnaval são uma das maiores expressões culturais brasileiras. Não há outro espetáculo, principalmente a céu aberto, que movimente milhares e milhares de pessoas como o Carnaval. É uma das nossas maiores riquezas culturais e algo genuinamente brasileiro, que nasceu e se desenvolveu aqui. Se o Carnaval, como força de expressão cultural brasileira, acabasse, perderíamos milhares de culturas, especialmente as culturas afro-brasileiras.

e referências de diferentes lugares do mundo. O Brasil, pela miscigenação, é de fato uma mistura, e nas próprias escolas de samba encontramos pessoas e conhecimentos de diversas regiões. Além disso, o Carnaval movimenta a sociedade e a economia brasileira. Quem está inserido no Carnaval de verdade tem acesso a muito conhecimento e entende que ele vai muito além de apenas sambar ou tocar.

Qual escola de samba, bloco ou roda de samba você considera referência no empoderamento feminino?

Atualmente, no cenário de Ouro Preto, tenho muito orgulho de dizer que a minha escola é o maior ato de resistência que já conheci. Este ano, inclusive, vamos falar de uma mulher, em um Carnaval feito de mulheres para mulheres. Vamos contar a história de Chica Mina, que foi esposa de Felipe dos Santos e muito lembrada pela Revolução Mineira em Ouro Preto, mas foi esquecida e apagada pela história por ser mulher. Isso, por si só, já é suficiente para entender o quanto uma escola pode fazer por uma mulher. Para mim, a minha referência atual de empoderamento feminino em Ouro Preto é a minha escola, São Cristóvão.

Como você vê a nova geração se relacionando com o samba hoje?

Sendo bem sincera, é uma coisa triste de se falar, mas a nova geração vem se interessando cada vez menos pelo samba. Por isso, fundei um projeto chamado “Samba do Amanhã”, que é um projeto social realizado aqui no bairro, com ensaios dentro da escola de samba. O projeto busca acolher pessoas de diferentes idades, desde crianças até idosos, tanto do bairro quanto de outras escolas de Ouro Preto. Temos atividades físicas e treinamentos para o desfile. Essa iniciativa veio da ideia de que o amanhã tem que ser plantado hoje. O “Samba do Amanhã” é a minha tentativa de deixar uma sementinha no mundo para o futuro, principalmente diante desse desinteresse que percebo entre os jovens em relação ao Carnaval.

O que ainda precisa mudar para que as mulheres tenham mais espaço e protagonismo no samba?

Aqui em Ouro Preto, acho que o que precisa mudar é a mulher parar de ser subestimada por expor o corpo, por ser carismática ou por sua aparência. Hoje já temos vários exemplos, como Evelyn Bastos, que é diretora da LIESA, a Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, e também é rainha de bateria. É uma mulher que tem formação, conhecimento sociocultural e conhecimento afro-brasileiro, viaja o mundo inteiro e ocupa esses espaços. As pessoas precisam parar de subestimar a capacidade das mulheres simplesmente pela estética, por aquilo que estão vendo naquele momento: uma mulher sorrindo, com uma roupa curta, sendo carismática, feliz e sendo ela mesma. Já vi mulheres extraordinárias e talentosas terem sua capacidade questionada porque são bonitas ou têm um corpo bonito. Aqui em Ouro Preto, por exemplo, não é comum uma rainha de bateria também participar da construção do Carnaval. Eu pinto, faço destaques, ajudo a construir o enredo com a minha escola. No ano passado, só não lixei e soldei carro alegórico; todo o resto eu fiz. As pessoas ainda não estão acostumadas a ver uma rainha inteligente, que pensa e que também executa.

Que conselho você daria para mulheres que querem se envolver com o samba?

O conselho que eu daria é: “Não se envolvam”. Eu falo isso brincando, mas, se eu pudesse dar um conselho para alguém, seria para não se envolver a ponto de abrir mão da própria vida. Quando entrei no samba, era muito divertido, era diversão. Até hoje, às vezes, eu me cobro muito porque esqueço de me divertir, já que isso acabou se tornando um trabalho para mim. Então, se você for entrar, entre em consonância com tudo aquilo em que acredita, com solidariedade e carisma. Entre para ser feliz e se divertir. Não se perca durante o percurso achando que o samba vai te dar muito mais do que o pequeno reconhecimento que existe na nossa região, porque não vai. O máximo que você vai receber são os aplausos das pessoas que estão ali te vendo, além de muita luta para manter essa manifestação cultural viva e, muitas vezes, ainda ser desvalorizada. Então, fica o equilíbrio entre “se joga” e “tome cuidado”. Se for para vir sambar, sambe. E se importe somente em ser feliz!



MAGDA ROSA

(DIGUINHA)

*Digunha é passista da Escola de Samba
Acadêmicos de São Cristóvão em Ouro Preto*

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Magda Rosa Ferreira (Diguinha)

Entrevistadora: Manuella

Local: Entrevista feita através de formulário

Data: 06 de agosto de 2025

Como e quando o samba entrou na sua vida?

Sempre escutei samba, faz parte da minha infância.

Qual foi o seu primeiro contato marcante com o samba?

Quando minha mãe e tia se sentavam para compor e cantar pra gente.

Você participa ou já participou de alguma escola de samba, roda de samba ou grupo? Se sim. Qual?

Sim. Acadêmicos de São Cristóvão.

A sua relação com o samba? (ex: cantora, passista, compositora, ritmista, pesquisadora etc.)

Passista.

Há alguma mulher no samba que te inspirou e influenciou?

Primeiro foi minha mãe Maria, e minha tia Lurdinha.

Como você enxerga o papel da mulher no samba hoje?

Acho muito interessante porque as mulheres têm uma potência vocal muito grande que devem mostrar ao mundo.

Quais dificuldades ou preconceito enfrentou por ser mulher nesse meio?

Na verdade, eu não sou cantora, mas falo por minha mãe - que meu pai não acreditava no seu potencial.

Enxerga o samba ainda um espaço predominantemente masculino atualmente em relação à antes? Em quais aspectos?

Hoje já melhorou muito. O samba é pra todos e os espaços estão mais femininos.

Quais mudanças você viu acontecer no samba na região ao longo dos anos?

As mulheres ousaram enfrentar esses preconceitos masculinos e mostraram que são capazes de fazer um samba da melhor qualidade.

O que o samba representa para você?

Libertação. No samba pode falar de tudo.

Como você vê a importância do samba enquanto expressão da identidade brasileira e de resistência?

Como disse, no samba você fala de suas dores e sem citar quem te machucou e transforma isso em empoderamento.

Qual roda de samba, bloco ou escola considera referência no empoderamento feminino?

Grupo de Samba Entre Elas, acho o máximo!

Como você vê a nova geração se relacionando com o samba hoje?

Ah! Acho bacana eles curtirem o samba de raiz, de Jovelina, Dona Ivone Lara.

O que ainda precisa mudar para que as mulheres tenham mais espaço/protagonismo no samba?

Acho que as mulheres estão no caminho certo. Precisam se desafiar mais.

Que conselho você daria para mulheres que querem se envolver com o samba?

Acredite, pois tudo é possível.

Um samba ou sambista que te representa?

“Morava no Morro”, de autoria de mãe e de tia.

Você gostaria de compartilhar alguma história marcante que viveu por causa do samba?

Eu tive a honra de cantar o samba da minha mãe e tia no carnaval de 2019 com Silvia Gomes no show Mulheres no Samba, na Praça Tiradentes. Isso foi maravilhoso, pena que as compositoras não estavam presentes.

O que você acha que pode ser feito para manter o samba vivo no território?

Mais incentivo da Secretaria de Cultura.

Como você descreveria a importância do samba para o seu bairro/comunidade?

Nossa, é muito bom! Hoje temos um grupo de roda de samba que se chama “Samba de Rua” que começou na porta da sede da Escola de Samba, e hoje se apresentam em eventos. Orgulho dessas pessoas.



Prof.^a

Dr.^a

GABRIELA

GABRIELA



LIMA

Gabriela Lima é professora do curso de Museologia da UFOP e coordena projetos que envolvam samba, além de ter tocado profissionalmente em grupos de samba em BH-MG

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Gabriela de Lima Gomes

Entrevistadora: Adriana Alfenas e Maria Eduarda

Local: Escola de Direito, Turismo e Museologia - EDTM (UFOP)

Data: 02 de julho de 2026

Você poderia se apresentar?

Eu sou Gabriela de Lima Gomes, sou natural de Belo Horizonte, nasci em 1980, sou da década de 80. Sou professora aqui no curso de museologia, um curso que é fruto do REUNI, criado em 2008. Eu cheguei na cidade em 2010 para ser a professora responsável pelas disciplinas que lidam com a preservação e a conservação de bens culturais.

E como e quando o saber entrou na sua vida? Quando e como?

Nasci em 1980 e, em meados da década de 90, eu era uma adolescente que fazia capoeira. E na capoeira tem a roda de samba. Eu aprendi a tocar pandeiro na capoeira, tocava o pandeiro nas rodas de capoeira e sambava nas rodas de samba, que também são muito praticadas na capoeira regional. No final da década de 90, por volta de 1997 ou 1998, eu estava passeando com um amigo num boteco chamado Brasil 41, em Belo Horizonte, um boteco bem tradicional de samba e roda de samba. Na ocasião, tinha um grupo tocando um samba retado e eu virei para esse amigo e falei: “Marco, vou lá, acho que vou bater um pandeirinho ali com esse pessoal”. Pedi um pandeiro emprestado e, incrivelmente, naquele momento, comecei a tocar pandeiro numa roda de samba. Foi uma magia, um negócio incrível, porque dali eu saí com duas bandas formadas. Fui convidada para ser pandeirista de um grupo que se tornou o meu grupo, o Pé-de-Passagem, e também surgiu um projeto de trio que não foi para a frente, com outros dois sambistas de Belo Horizonte. Na ocasião, toquei samba com esse grupo e, em determinado momento, eles me perguntaram se eu tinha banda ou se tocava com alguém. Falei que não, que tinha aprendido a tocar na capoeira. Então me perguntaram se eu não queria montar uma banda com eles. Eu falei: “Uai, eu quero, não tem nada a perder”. E aí montamos essa banda. Começamos a ensaiar e, mais ou menos no final de 1998, estreamos no Opção, um bar que ficava no Caiçara. O proprietário, seu Ronaldo Coisa

Qual é a sua relação com o samba hoje? Você é passista, você é cantora, você é testemunha do samba?

Atualmente, o samba é uma manifestação que está em mim. Eu me profissionalizei, tocava na noite e tive duas bandas, o Pé-de-Passagem e o Sapucaia, que era uma coisa mais de samba-rock. Tocava todo final de semana e pagava a minha faculdade tocando, então eu tinha uma relação de trabalho com o samba. Hoje, a minha relação com o samba é de total prazer. Continuo tocando, mas de forma não profissional, de fruição mesmo. Entendo o samba como uma manifestação tradicional, uma manifestação das culturas populares, um traço importante da identidade sociocultural brasileira. Tenho uma dedicação à pesquisa com as culturas populares e, inclusive, meu grupo de pesquisa promove um evento chamado Festival de Cultura Popular. Especialmente este ano, em 2026, a gente prestou uma homenagem ao samba. Não sou passista, não sou cantora. Sou pandeirista, toco cuíca, sou da cozinha. Minha relação com a música é mais com a percussão mesmo.

Você falou que participou de dois grupos.

Acho que tem uma coisa que é muito importante, e curiosamente eu aprendi isso em Ouro Preto, ainda adolescente. Nessa época da capoeira, eu vim para Lavras Novas e, em um restaurante que tinha lá, eu pegava um bongô de vez em quando e batucava com um músico que se apresentava à noite. Um dia ele virou para mim e falou assim: “Gabi, o negócio é o seguinte, para você tocar, você tem que sempre olhar o outro, você tem que se comunicar com o outro”. Então, numa banda, num grupo, você sempre tem que ter uma relação visual com as pessoas, porque a gente dá dicas e tal. Acho que esse é um ponto de partida. A relação visual, a empatia, a abertura para a escuta, acho que tocar com o outro e se apresentar tocando é estar muito disposto a comunicar com alguém que está junto de você ou, para além do seu quadrado, com o público. Então acho que a música é uma ferramenta, um instrumento muito

poderoso de empatia, de comunicação e de troca. E essas coisas acontecem não só entre músicos, mas entre músico e público também, que é fundamental.

E você tem alguma figura feminina que você sente que te inspirou, que te influenciou?

Ah, tenho. Elza Soares é uma figura que me atravessa profundamente. E talvez a todas as mulheres atentas à música popular brasileira. A Elza é uma figura muito importante e, do ponto de vista geracional, foi alguém que eu acompanhei. Clementina de Jesus é outra que é estupenda. Na hora que você a vê cantar e aprende um pouco sobre a história dela, daí vem Dona Ivone Lara. As mulheres têm uma importância muito grande nessa estrutura do samba. Recentemente, conheci uma figura do Recôncavo Baiano que me abençoou, que é a Mestra Zélia do Prato. Ela foi incrível, a forma como ela me recebeu, a forma como eu a encontrei também. Eu estava fazendo a curadoria do Festival de Cultura Popular, tentando encontrar alguma mestra sambadeira do Recôncavo, e de repente encontrei Dona Zélia do Prato. Mandeí uma mensagem para ela e ela falou: “Oh, minha filha, passei a tarde inteira aqui lendo. Eu leio muito devagarzinho, mas lendo. Eu quero sim, eu quero sim, viu?”. E a gente, às vezes, está nesse mundo universitário, de convites mais formais, e perde essa relação com o outro. Eu não imaginava, mas tem questões em que o áudio diz muito mais do que a escrita. Hoje a gente se tornou amiga e acho que ela vai ser uma figura que, a partir de agora, eu tenho a maior referência e reverência por ela. Foi um encontro muito bonito e muito legal com uma mestra do saber popular, das culturas populares. Eu acho que chega uma hora que a gente vai cada vez mais se envolvendo com o modo de fazer. O samba do Recôncavo também é de extrema importância para a estrutura sociocultural do samba. Cada vez você descobre uma coisinha a mais, uma referência a mais, e vamos que vamos.

E qual você considera ser o papel da mulher no samba hoje, especialmente diante do protagonismo feminino, da resistência e das funções que historicamente foram ofuscadas por figuras masculinas?

Eu estou tão preenchida e relacionada com mulheres protagonistas de uma

história que, nas minhas últimas experiências, não tenho percebido tanto essas mulheres ofuscadas. Acho que existe, mas tenho observado cada vez mais o protagonismo feminino. No Festival de Cultura Popular, por exemplo, convidamos a Mestra Zélia para tocar seu samba de roda e seu prato, e também convidamos Tereza Cristina para se apresentar em Glaura. A banda da Tereza Cristina tem como diretora musical uma mulher, uma tocadora de sete cordas, de extrema importância. Ela toma ali um protagonismo que eu nunca tinha visto em uma roda de samba, num show de samba, uma mulher como diretora musical. As diferenças existem, mas também acho que isso está em processo de transformação. Talvez seja mais fácil falar sobre o lugar menos qualificado da mulher no passado do que no presente. Pelo menos nas minhas últimas experiências, observando mulheres no samba, tenho notado o protagonismo da mulher em vários lugares, não só enquanto cantora, mas como diretora musical. Acho que ainda é minoria, mas esse protagonismo existe. É desse protagonismo que a gente precisa falar.

Você já passou por alguma dificuldade por ser mulher no samba?

No samba, não me lembro de ter passado por alguma situação que tenha me marcado. Nas rodas de samba, minha relação sempre foi muito respeitosa e, por exemplo, os cachês eram divididos igualmente entre os integrantes, homens e mulheres. Acho que o que existe, e que é estrutural, é a manutenção de um certo protagonismo dos homens nas oportunidades de samba e nas rodas de samba. Existe uma pauta sobre a pouca abertura de alguns homens que fazem samba e choro para a presença das mulheres, e isso precisa ser reivindicado. Mas, pessoalmente, toda vez que eu quis tocar, eu toquei. Nunca fui retirada com grosseria dos espaços de samba e tenho tido boas experiências. Acho que isso está se tornando cada vez mais coisa do passado.

E você tem contato com o samba da região? Já conseguiu identificar grandes mudanças no samba em Ouro Preto, Mariana e nos distritos?

Acho que sim. Estou aqui desde 2010 e, nos últimos anos, vejo um aumento das oportunidades, dos grupos e das rodas de samba. Ouro Preto tem muitas cantoras também, o que é muito legal. Temos mulheres como Sílvia Gomes, Érica Curts, Letícia e grupos de mulheres instrumentistas, como as Pandeirasas. Acho que estamos em um momento próspero. É claro que ainda vejo mais rodas de samba com formação de homens do que de mulheres, mas existe uma movimentação para mudar isso. Tenho percebido a necessidade de nós, mulheres, estarmos mais nesses lugares, especialmente nas rodas de samba. Acho que temos um espaço ainda a ser conquistado, mas o caminho vem sendo traçado e defendido. São muitas mulheres, muitas rainhas que fizeram e ainda fazem um papel muito importante na defesa desse traço cultural brasileiro. Temos que exaltá-las e defender nosso lugar. E, com um jeitinho, a gente vai chegando, entrando e se mostrando.

E o que o samba representa para você?

Samba é oração. É uma oportunidade de comunhão, de troca, de tocar junto e também de escuta. Às vezes você escuta umas pessoas, e quando eu escuto Clementina de Jesus, eu falo: “Gente, ufa, eu saio até mais leve”. Aquilo ali é bênção. O samba em mim é atravessado por momentos de muita entrega, de muito desejo. Eu realmente gosto de tocar samba, de estar com as pessoas do samba. É um momento tanto de fruição quanto de entrega, de comunicar com o outro e com o além. Então, eu acho que é um pouco de purificação, um momento de limpeza e de entrega.

Como você vê a importância do samba como expressão da identidade brasileira e de resistência?

O samba é marca da identidade cultural e sociocultural brasileira. Ele está aqui por resiliência e resistência. Ocupa o espaço que ocupa hoje porque as pessoas que materializam o samba vêm demonstrando e deixando marcas no nosso território, marcas reais de um povo silenciado. Quando a gente toca um tambor, uma cuíca, um surdo, um cavaquinho, um agogô ou um reco-reco, estamos evocando uma cultura que nos foi

forçosamente retirada. Acho que é por isso que o samba é oração e traz consigo marcas verdadeiras da nossa identidade. A identidade brasileira traz referências de um território que foi muito abusado e transformado, mas que carrega marcas profundas da África e de outros territórios que chegaram ao Brasil e encontraram os povos originários brasileiros. Enfim, somos uma mistura. Acho que o samba é capaz de provocar isso: a materialização da nossa identidade brasileira.

Como você vê a nova geração se relacionando com o samba hoje e quais são suas expectativas para esse novo momento?

Acho que estamos passando por um momento de reafirmação e de nos colocarmos enquanto protagonistas de uma história, de uma narrativa. Nossa história já vem deixando de ser contada pelo outro e está sendo contada por nós. Quando percebemos que o samba está em um momento próspero, penso que isso é algo muito salutar para o futuro. Estamos realmente em um tempo histórico em que vamos contar uma história que é muito mais nossa do que foi contada para nós no passado. O samba também é uma ferramenta de comunicação. Ele é o orador dessa nova era e desse novo momento. A gente percebe muita gente nova se apresentando não só como sambista, mas trazendo referências do samba para o rap, o hip-hop e várias outras influências da música. Isso segue na luta, na resistência, mandando uma mensagem importante para a sociedade sobre o lugar de origem do samba, que é o lugar da periferia, o morro, os quilombos, o Recôncavo. Acho que estamos em um momento próspero, sim, e temos que mostrar a cara, abrir o peito e ir à luta, conquistar nosso espaço com todo o direito que nos é dado.

E você tem um samba ou uma sambista que te representa?

Ah, eu tenho. Fico entre Clementina de Jesus e Elza Soares, para falar da sambista. Talvez eu me entregue para a Clementina. E o samba, são tantos, mas vou escolher um samba do Batatinha, um baiano, que se chama “Foguete Particular”. Então eu fico com Batatinha e Clementina.

Você poderia compartilhar alguma história marcante que viveu por causa do samba, de alguém que te tocou e te representa como força no samba?

Acho que pode ser essa, da Mestra Zélia do Prato. Esse encontro foi muito forte, principalmente pela forma como ela me escuta e me recebe. Eu era uma desconhecida e ela se abriu para mim. Falou: "Claro, minha filha, eu vou. Deus te abençoe. Manda um áudio aí para mim, que eu quero escutar sua voz". Acho que essa é a generosidade do samba. Ela, como uma autêntica baiana do Recôncavo, uma sambadeira, foi muito acolhedora e imediatamente me chamou para a casa dela. Então, acho que existem coisas que acontecem assim, que são realmente transformadoras. A Mestra Zélia do Prato já se torna uma mãe para mim.

Que conselho você deixaria para as mulheres da nova geração que estão entrando no samba?

Primeiro, tem que ter coragem, não pode ter medo. O samba é escuta, é chamado. Então, se você está aí com vontade de tocar, de cantar, de sambar, se joga. Vai, cola nos outros que estão tocando, que estão sambando, que estão cantando, e vai embora. Se deixe levar, porque o samba é transformador, é oração e ele te leva. Então, se deixe ir. Vai, vai, vai. Só vai.





MARIA * LUZIA

*Lia, como é conhecida, faz parte da
diretoria da escola Acadêmicos de São
Cristóvão em Ouro Preto*

FLOR DE ANAHI



Mulheres Lutadoras Sociais

Entrevistada: Maria Luzia Mapa (Lia)

Entrevistadoras: Adriana Alfenas e Victoria Cruz

Local: Bairro São Cristóvão (Veloso), Ouro Preto-MG

Data: 14 de agosto de 2026

Você poderia se apresentar?

Meu nome é Maria Luzia Mapa, tenho 62 anos sou natural de Ouro Preto, no bairro São Cristóvão conhecido como Veloso.

Como e quando o samba entrou na sua vida?

Bom, eu não sei precisar. Lembro-me que minha mãe gostava muito de Alcione, Angela Maria e outras sambistas mais antigas. Quando eu era criança, aos domingos, ela sentava na sala da minha casa e ligava a televisão para assistir ao Silvio Santos e a outros programas de auditório. Ficava muito ansiosa, principalmente nos dias em que anunciavam que essas cantoras estariam no programa. Então, acho que o meu gosto pelo samba vem mesmo a partir daí.

Qual foi o seu primeiro contato marcante com o samba?

O meu primeiro contato marcante com o samba é difícil de precisar, porque eu cresci ouvindo e cantando samba. Então, não consigo indicar uma data específica, mas cresci ouvindo essas músicas.

Você participa ou já participou de alguma escola de samba, roda de samba ou grupo? Se sim, qual?

Participei e participo. Voltei a participar da Escola de Samba Acadêmicos de São Cristóvão, do meu bairro, que é a escola do meu coração. Também temos um grupo de amigos do samba e, nas nossas festas, sempre fazemos uma roda de samba.

Qual é a sua relação com o samba?

Eu fiz parte da diretoria da Escola de Samba Acadêmicos de São Cristóvão e também sempre fiz parte de uma ala nas apresentações de Carnaval.

tinha uma ala particular que eles chamavam de “Ala de Lia”, meu apelido. A gente se mobilizava para colocar essa ala na rua, independentemente da verba da Escola de Samba, que era muito pequena. A escola, principalmente no início, enfrentava muitas dificuldades e a situação financeira não era das melhores.

Há alguma mulher no samba que te inspirou e influenciou?

São muitas. Alcione, Angela Maria, Juvelina Pérola Negra, Clara Nunes, Eliana de Lima e Beth Carvalho. Sou apaixonada por essas mulheres sambistas e existem várias outras, mas estou citando algumas.

Como você enxerga o papel da mulher no samba hoje?

Eu enxergo o papel da mulher no samba como uma quebra de preconceito, um empoderamento feminino, uma luta. É a mulher na luta para se fazer reconhecida.

Quais dificuldades ou preconceitos você enfrentou por ser mulher nesse meio?

Enfrentei algumas dificuldades e preconceitos nesse meio, porque existe todo um machismo estrutural. A começar dentro da nossa casa. Na minha época, a mulher nasceu para viver debaixo dos olhos do pai, da mãe e dos irmãos mais velhos. Foi uma luta muito grande e eu nunca aceitei essas rédeas. Sempre quis a minha independência e, amando o samba, enfrentei esse preconceito para estar dentro de uma escola de samba e de uma roda de samba. Também enfrentei preconceito religioso. A raiz do samba é uma raiz africana e eu sou nascida, criada e praticante da religião católica, então esse preconceito religioso sempre existiu.

Você considera que o samba ainda é um espaço predominantemente masculino? Em quais aspectos?

Eu enxergo o samba como um espaço predominantemente masculino. Já foi pior, mas a mulher tem conseguido, aos poucos, adentrar e ocupar o seu espaço.

É um desafio muito grande, que continua sendo enfrentado para que nós, mulheres, ocupemos nosso espaço dentro do samba e das escolas de samba.

Quais mudanças você viu acontecer no samba na região ao longo dos anos?

Hoje a gente percebe algumas mudanças, aos poucos. Encontramos mais cantoras nas rodas de samba, mais ritmistas e mulheres presidentes de escolas de samba. Isso antes, na minha época, pelo menos aqui em Ouro Preto, não existia. Na minha escola, por exemplo, já tivemos mulheres presidentes da ESASC, Escola de Samba Acadêmicos de São Cristóvão. Então, aos poucos, elas têm conquistado seu espaço.

O que o samba representa para você?

Samba representa para mim liberdade, alegria, amor e liberdade de expressão. Liberdade na dança, liberdade de presença em determinados lugares. Para mim, é tudo isso e muito mais.

Como você vê a importância do samba como expressão da identidade brasileira e de resistência?

O samba representa a nossa cultura, é uma raiz da cultura africana e um dos motivos pelos quais as pessoas ainda veem o samba com tanto preconceito. É a nossa poesia, que expressa a nossa alegria, a nossa liberdade, a história e a alma do povo brasileiro.

Como você vê a nova geração se relacionando com o samba hoje?

Eu vejo uma geração que está mais presente no samba. Na minha época, tínhamos a impressão de que samba era coisa de gente mais velha. Hoje, percebo uma presença maior de jovens nos espaços de samba.

O que ainda precisa mudar para que as mulheres tenham mais espaço e protagonismo no samba?

Muitas coisas ainda precisam mudar para que a mulher tenha o seu espaço. Primeiramente, é preciso a quebra do preconceito e do machismo.

Que conselho você daria para mulheres que querem se envolver com o samba?

O que eu digo para as mulheres é que o lugar da mulher é onde ela quiser. Se ela quiser estar na roda de samba, ela pode estar na roda de samba. Se ela quiser estar dentro de uma escola de samba como presidente, ela pode ser presidente de uma escola de samba, sim. Se ela quiser ser mestre de bateria, ela pode ser, sim, mestre de bateria. Se ela quiser estar defendendo o samba-enredo, ela pode estar lá, sim, cantando o samba-enredo da sua escola.

Um samba ou sambista que te representa?

A Dona Neném foi uma mulher incrível e muito importante para mim e para todo o bairro. Ela criou o primeiro bloco de Carnaval do bairro Estrela D'Alva.

Você gostaria de compartilhar alguma história marcante que viveu por causa do samba?

Eu fiquei aproximadamente 12 anos na escola, e era muito legal porque todos trabalhavam pensando na escola. Ninguém tirava nada da escola, só levávamos para ela. Conseguimos um terreno para construir a sede e fomos trabalhar lá. O terreno era só mato e uma ribanceira, e muitas pessoas tentavam nos desanimar. Teve um dia em que estávamos trabalhando e uma pessoa chegou e disse: "Gente, para com isso, vocês não vão conseguir nunca". Mas, com muita luta, continuamos. Os meninos iam trabalhar, eu e outras mulheres fazíamos suco e ajudávamos no que fosse necessário. Um dia, quando bateu a laje, parecia que era a laje da minha própria casa. Foi uma emoção enorme. Continuamos na luta até chegar o dia da inauguração da sede. Eu e o presidente, Zé Rosa, sempre discutíamos muito. No dia da inauguração, ele disse que quem inauguraria a sede seria Geraldo Mendes, vereador.

Eu disse que não. Falei que, se ele chegasse para cortar a fita, eu passaria na frente dele e cortaria primeiro. Então, colocamos a questão em pauta na reunião e fizemos uma votação. A diretoria escolheu Dona Neném, que havia fundado o primeiro bloco do bairro. Foi justíssimo, não havia pessoa melhor para inaugurar a sede. Nós choramos muito naquele dia.

Existe alguma música de samba que tenha um significado especial para você? Por quê?

As músicas têm um significado muito grande para mim. Uma delas é “Não Deixa o Samba Morrer”, porque me faz lembrar do José Rosa Ferreira, que foi presidente da nossa escola e faleceu há algum tempo. Foi uma perda muito grande para nós e, para mim, ele deixou um espaço que ainda não foi ocupado dentro da escola. Ninguém substitui ninguém, cada pessoa é uma pessoa. Então, todas as vezes que ouço esse samba, faço uma homenagem a ele. Outra música é “Rei por um Dia”, porque acho que ela retrata bem o que vivemos na Praça Tiradentes. O mestre de bateria, o puxador de samba e todos nós, naquele dia, somos reis e rainhas. A praça se abre para que possamos fazer o nosso show. Eu me sinto rainha ali na Praça Tiradentes, durante o desfile da minha Escola de Samba Acadêmicos de São Cristóvão.



TRICAMPEÃ

EM CARABINAS E MARIAS O LEGADO VAI SOBREVIVER!



Referências bibliográficas trabalhadas entre 2025 e 2026

BRITO, Odacy de. Dona Zica da Mangueira: na passarela de sua vida. São José dos Campos, SP: Editora Gráfica Carimbex, 1999.

BEVILAQUA, Adriana Magalhães. Clementina, cadê você?. Rio de Janeiro: LBA/Funarte, 1988.

MACEDO, Gisele. A força feminina do samba. Rio de Janeiro: Centro Cultural Cartola, 2007.

SANTOS, Katia. Ivone Lara: a dona da melodia. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Playlist com musicas sugeridas pelas mulheres entrevistadas



Créditos

Elaboração e formatação: Adriana Flávia Alfenas; Alice Fernanda Gomes; Ana Alice Goncalves de Jesus; Manuella de Oliveira Borges; Maria Eduarda Silvestre Silva; Victoria Aneliane da Cruz e Victoria Rodrigues Ameno

Concepção e revisão: Kathiúça Bertollo
(Coordenadora do projeto).

Compilado de informações do projeto referente
ao ano de 2026.

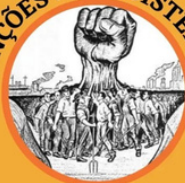
Publicado em agosto de 2026. Semestre letivo
2026.2.

FLOR DE ANAHÍ



Mulheres Lutadoras Sociais

CANÇÕES DE RESISTÊNCIA



DISCOGRAFIA VEIAS ABERTAS
LATINO-AMERICANAS

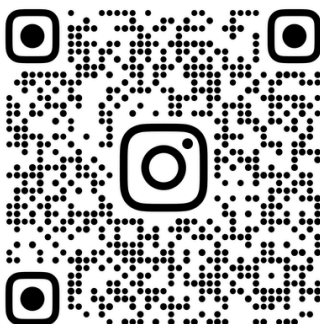
PROEX

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto



WIPHALAFRENTEDETRABALHO

FLOR DE ANAHÍ



Mulheres Lutadoras Sociais

CANÇÕES DE RESISTÊNCIA



DISCOGRAFIA VEIAS ABERTAS
LATINO-AMERICANAS

PROEX

Pró-Reitoria de
Extensão e Cultura



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

